



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

1º Trimestre de 2018



Fortaleza – Ceará
Junho de 2018

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Sobreira de Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Francisco de Queiroz Maia Júnior – Secretário

Antônio Sérgio Montenegro Cavalcante – Secretário adjunto

Júlio Cavalcante Neto – Secretário executivo

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ

Diretor Geral

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Diretor de Estudos Sociais – DISOC

João Mário de França

Diretor de Estudos Gestão Pública – DIGEP

Cláudio André Gondim Nogueira

Gerência de Estatística, Geografia e Informação – GEGIN

Marília Rodrigues Firmiano

IPECE Conjuntura – 4º Trimestre de 2017

Volume 7 – Nº 1 – Junho/2018

DIRETORIA RESPONSÁVEL:

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Elaboração:

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexsandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Rogério Barbosa Soares

Witalo de Lima Paiva

Colaboração:

Heitor Gabriel Silva Monteiro (Estagiário)

Lilian de Sousa Pereira (Estagiário)

Matheus dos Santos Carvalho (Estagiário)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geossocioeconômicas e dá assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

Valores: Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão: Ser uma Instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) –
Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo -

Cambeba | Cep: 60.822-325 |

Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521

<http://www.ipece.ce.gov.br/>

Sobre o IPECE Conjuntura

O IPECE CONJUNTURA é uma publicação trimestral da Conjuntura Econômica Cearense em que são apresentadas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais servem para fundamentar a reflexão sobre o desempenho da atividade econômica do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir das três grandes atividades: agropecuária, indústria e serviços.

O Mercado de Trabalho tem como base a PNAD contínua do IBGE e a evolução do emprego formal a partir dos dados do Ministério do Trabalho (MTb). Comércio Exterior e Finanças Públicas são outros dois temas também contemplados no documento.

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL E ECONOMIA BRASILEIRA, 4

1.1. Estimativas de Crescimento Econômico Mundial, 4

1.2. Economia Brasileira e Produto Interno Bruto, 5

1.3. Inflação e Indicadores de Expectativas Futuras, 8

2. ATIVIDADE ECONÔMICA CEARENSE, 11

2.1. Produto Interno Bruto, 11

2.2. Agropecuária, 13

2.3. Indústria, 17

2.4. Serviços, 22

2.4.1 Pesquisa Mensal dos Serviços, 22

2.4.2 Comércio Varejista, 26

3. MERCADO DE TRABALHO, 32

3.1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 32

3.2. Emprego Formal, 34

4. COMÉRCIO EXTERIOR, 41

5. FINANÇAS PÚBLICAS, 46

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 49

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia
Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.

ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.

Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O crescimento da economia mundial para o ano de 2018 apresenta uma estimativa de 3,9%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de abril de 2018. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, com destaque para a economia americana, dado a atual política fiscal expansionista associada a um mercado de trabalho em pleno emprego;
- Na economia nacional, o PIB apresentou crescimento no primeiro trimestre de 2018, em relação ao primeiro trimestre de 2017, de 1,2%, apresentando um desempenho superior ao primeiro trimestre de 2017 com relação ao mesmo período do ano de 2016, onde não se registrou crescimento (0,0%);
- Com relação à economia cearense, no primeiro trimestre de 2018 com relação ao mesmo período de 2017, houve crescimento de 1,55%. Este crescimento mostra que a economia do Ceará vem consolidando a retomada do crescimento econômico. No acumulado dos últimos quatro trimestres registra-se um crescimento de 2,67%;
- No setor agropecuário, estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE para a produção de grãos no estado apontam para um nível de produção em 2018 de 540,3 mil toneladas, um nível próximo ao obtido em 2017;
- A indústria de transformação no estado registrou seu quarto resultado positivo consecutivo para o indicador de produção trimestral. A atividade encerrou os meses de janeiro a março com um crescimento de 3,5% em comparação com o mesmo período de 2017;
- Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros segue novamente com desempenho negativo ao registrar queda de 9,3% no primeiro trimestre do ano de 2018 comparado ao mesmo trimestre do ano anterior;
- No que tange ao varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos e de materiais de construção no cômputo do índice de variação das vendas do varejo, o país acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 6,6% comparado ao primeiro trimestre de 2017 após três quedas consecutivas para o referido período. Similarmente, o varejo ampliado cearense também acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 4,4% comparado ao primeiro trimestre de 2017, após também três quedas consecutivas no mesmo período comparativo;
- No âmbito do mercado de trabalho, dados da PNADC Contínua revelam que após ter atingindo a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil seguiram uma tendência declinante ao longo de 2017, principalmente no estado;
- Dados do CAGED mostram que o estado do Ceará, por três anos seguidos (2015, 2016 e 2017), semelhante ao país, vinha apresentando saldos negativos de empregos no primeiro trimestre, cujo pior resultado foi observado em 2016. Em 2018, por outro lado, o estado reagiu ao período de crise passando a criar 2.713 vagas de trabalho com carteira assinada;
- No comércio exterior, a pauta de exportação cearense, no primeiro trimestre de 2018, manteve-se liderada pelas vendas de produtos metalúrgicos, que representou 52,7% do total exportado pelo estado, totalizando o valor de US\$ 257,6 milhões;
- No aspecto das finanças públicas estaduais, as “Receitas Correntes” cresceram 3,3% no primeiro trimestre de 2018, quando se compara a idêntico período do ano anterior. As duas principais fontes de recursos do Governo Estadual, “Receitas Tributárias” e “Transferências Correntes”, apresentaram, respectivamente, crescimento de 5,0% e 1,0%.

1 PANORAMA INTERNACIONAL E ECONOMIA BRASILEIRA

1.1 Estimativas de Crescimento Econômico Mundial

O crescimento da economia mundial para o ano de 2018 apresenta uma estimativa de 3,9%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de abril de 2018. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, com destaque para a economia americana, dado a atual política fiscal expansionista associada a um mercado de trabalho em pleno emprego.

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) americano no primeiro trimestre de 2018, com relação ao mesmo período de 2017, foi de 2,0%, sendo um crescimento inferior ao registrado no primeiro trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016 (2,8%). O consumo das famílias tem sido o principal fator positivo na economia dos EUA, tendo como motores a alta confiança dos consumidores e a melhoria do mercado de trabalho.

De fato, a taxa de desemprego nos EUA permanece em nível próximo a 4,0%, indicando pleno emprego. Detaca-se também a probabilidade de que 2018 recupere totalmente a taxa de emprego para níveis anteriores à crise financeira de 2008.

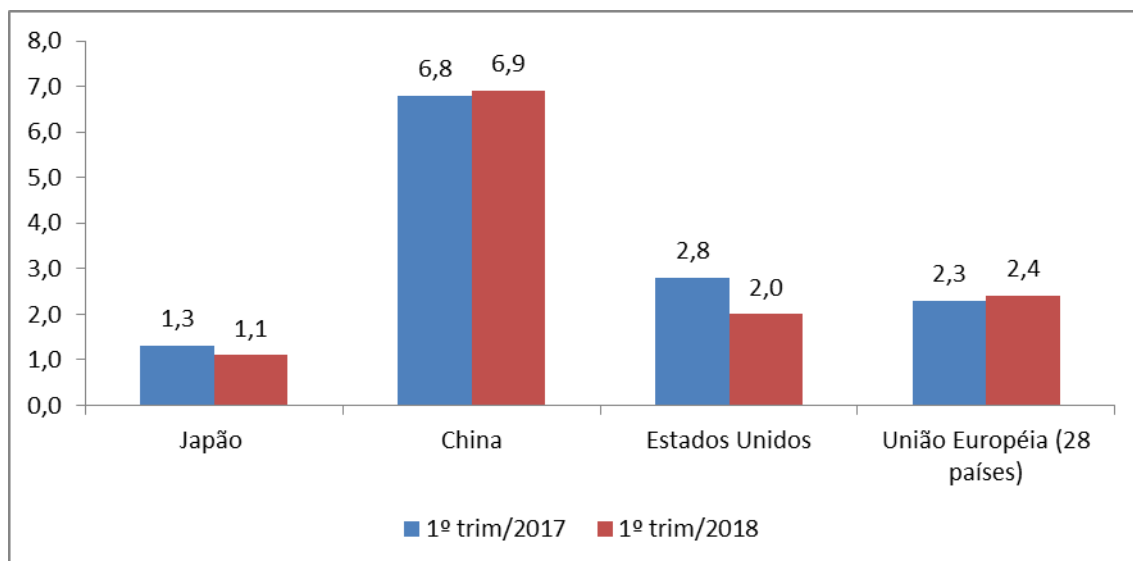
A União Européia apresentou no primeiro trimestre de 2018 com relação ao mesmo período de 2017 um crescimento de 2,4%, em um ritmo de crescimento um pouco superior ao registrado em 2017 (2,3%) para o mesmo período de comparação. França, Espanha, Alemanha e Itália foram os destaques de crescimento no primeiro trimestre de 2018.

É importante destacar que a confiança do setor privado da Zona do Euro está no nível mais alto desde o início da década de 2000, e a taxa de desemprego caiu para 8,7%, a mais baixa desde o início de 2009. A economia doméstica está crescendo também apoiada pelo crescimento das exportações. Apesar do atual período de crescimento, o nível de produção da União Europeia ainda está 10% abaixo da tendência pré-crise.

Por sua vez, a economia da China apresentou crescimento de 6,9% no primeiro trimestre de 2018, com relação ao mesmo período de 2017, sendo um resultado um pouco superior ao registrado no primeiro trimestre de 2017 (6,8%). Investimentos contínuos em infraestrutura pública, crescimento robusto do consumo e melhoria da demanda externa, são os principais fatores que sustentam o atual crescimento da economia chinesa.

Finalmente, a economia japonesa apresentou no primeiro trimestre de 2018, em relação ao mesmo trimestre de 2017, crescimento de 1,1%, sendo explicado pelos aumentos do consumo das famílias, do investimento em capital fixo das empresas e das exportações.

Gráfico1.1: Taxa (%) de Crescimento do PIB – 1º trim. 2018 em relação ao 1º trim. de 2017



Fonte: OECD. Elaboração: IPECE.

1.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto

No primeiro trimestre de 2018, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou um aumento de 1,2% em relação ao primeiro trimestre de 2017 (Tabela 1.1), apresentando um desempenho superior ao primeiro trimestre de 2017 com relação ao mesmo período do ano de 2016, onde não registrou-se crescimento (0,0%).

Tabela 1.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Brasil – 1º trim. 2017 a 1º trim. 2018 (*)

Setores e Atividades	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	Acumulado
	2017 (**)	2017 (**)	2017 (**)	2017 (**)	2018 (**)	nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	18,5	14,8	9,1	6,1	-2,6	6,1
Indústria	-1,0	-1,9	0,4	2,7	1,6	0,6
Extrativa Mineral	9,6	6,0	2,4	-0,1	-1,9	1,6
Transformação	-0,9	-0,9	2,4	6,0	4,0	2,8
Construção Civil	-6,4	-7,1	-4,7	-1,6	-2,2	-3,9
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	4,1	-0,5	0,2	0,0	0,6	0,1
Serviços	-1,6	-0,2	1,0	1,7	1,5	1,0
Comércio	-2,5	1,0	3,8	4,4	4,5	3,4
Transportes	-2,1	-0,5	1,9	4,4	2,8	2,1
Intermediação Financeira	-3,7	-1,7	0,0	0,3	0,1	-0,3
Administração Pública	-0,7	-1,2	-0,8	0,3	0,6	-0,3
Outros Serviços	-1,5	0,7	1,2	1,0	0,9	1,0
VA a preços básicos	0,1	0,5	1,2	1,9	0,9	1,1
PIB pm	0,0	0,4	1,4	2,1	1,2	1,3

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos.

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior.

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Dentre as atividades que contribuíram para a geração do Valor Adicionado no primeiro trimestre de 2018 em relação a igual período do ano anterior, a Agropecuária caiu 2,6%. Este resultado pode ser explicado, principalmente, pela queda na produção das principais culturas com safra no primeiro trimestre do ano. Segundo o último Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA/IBGE), divulgado em maio, a estimativa de produção anual de algumas culturas diminuiu. A exceção foi a soja, que teve crescimento de 0,6%.

A Indústria cresceu 1,6%, sendo que, a Indústria de Transformação apresentou crescimento de 4,0%. O seu resultado foi influenciado pelo crescimento da produção de bebidas; móveis; máquinas e equipamentos; papel e celulose; metalurgia; veículos; equipamentos de informática. A Construção segue apresentando resultados negativos em relação a igual período do ano anterior, recuando 2,2% no trimestre. Na mesma direção, a Extrativa Mineral caiu 1,9%, puxada pela queda tanto da extração de petróleo e gás natural como de minérios ferrosos. A atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana, por sua vez, cresceu 0,6%, favorecida pela permanência da bandeira tarifária verde no primeiro trimestre de 2018.

O setor de Serviços decresceu 1,5%, com destaque para o avanço de 4,5% do Comércio. Também houve altas em Transporte, armazenagem e correio (2,8%), Intermediação financeira e seguros (0,1%), Outros Serviços (0,9%), Administração, saúde e educação pública (0,6%).

Tabela 1.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior – Brasil – 1º Trim. 2017 a 1º Trim. 2018 (*)

Setores e Atividades	1º Trim. 2017 (**)	2º Trim. 2017 (**)	3º Trim. 2017 (**)	4º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)
Agropecuária	11,6	-2,6	-1,8	-0,1	1,4
Indústria	1,3	-0,4	1,0	0,7	0,1
Extrativa Mineral	1,6	-0,5	0,0	-1,0	0,6
Transformação	1,9	0,7	1,4	1,9	-0,4
Construção Civil	0,1	-1,9	0,2	0,1	-0,6
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	1,7	-1,7	0,1	0,1	2,1
Serviços	0,4	0,7	0,5	0,1	0,1
Comércio	0,4	2,1	1,8	0,3	0,2
Transportes	2,0	1,0	0,2	1,3	0,7
Intermediação Financeira	0,0	0,3	0,2	-0,2	-0,1
Administração Pública	-0,1	-0,2	0,3	0,4	0,1
Outros Serviços	0,7	0,9	-0,1	-0,5	0,6
Valor Adicionado (VA)	1,3	0,3	0,2	0,2	0,2
PIB	1,1	0,6	0,3	0,2	0,4

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos.

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior.

Na comparação do primeiro trimestre de 2018, em relação ao quarto trimestre de 2017, trabalhando-se com as séries dessazonalizadas, o PIB apresentou crescimento de 0,4% (Tabela 1.2), sendo o quinto resultado positivo após oito quedas consecutivas nesta base de comparação.

Dentre as atividades econômicas, o crescimento de 0,4% foi favorecido pela expansão de 1,4% da Agropecuária. A Indústria e os Serviços tiveram variação positiva de 0,1%. Na Indústria, houve expansão de 2,1% na atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana e de 0,6% na Extrativa mineral. Já a Indústria de Transformação (-0,4%) e Construção (-0,6%) recuaram. Nos Serviços, apresentaram resultados positivos as atividades de Comércio (0,2%), Transporte, armazenagem e correio (0,7%), Outros serviços (0,6%) e Administração, saúde e educação pública (0,1%). Já Intermediação financeira e seguros apresentou recuo (-0,1%).

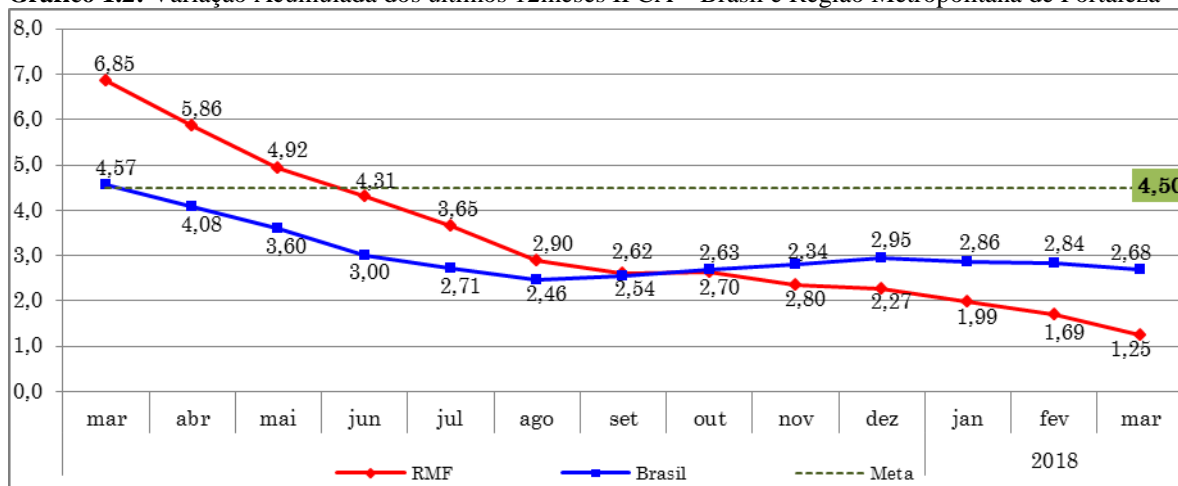
1.3 Inflação e Indicadores de Expectativas Futuras

O Gráfico 1.2 apresenta a inflação acumulada dos últimos doze meses para o Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) de março de 2017 a março de 2018. Como pode ser observado, o acumulado dos últimos 12 meses do IPCA nacional segue em desaceleração atingindo 2,68% em março de 2018. Na RMF, o acumulado dos últimos 12 meses segue também em forte desaceleração tendo registrado apenas 1,25% até março de 2018.

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) destaca que o conjunto dos indicadores de atividade econômica mostra recuperação consistente da economia brasileira. Adicionalmente, destacou-se também que o comportamento da inflação permanece favorável, com diversas medidas de inflação subjacente em níveis confortáveis ou baixos, inclusive os componentes mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária. Por outro lado, a economia segue operando com alto nível de ociosidade dos fatores de produção, refletido nos baixos índices de utilização da capacidade da indústria e, principalmente, na taxa de desemprego.

Finalmente, os membros do Comitê também manifestaram o entendimento de que a conjuntura econômica com expectativas de inflação ancoradas, medidas de inflação subjacente em níveis baixos, projeções de inflação abaixo da meta para 2018 e em torno da meta para 2019, e elevado grau de ociosidade na economia prescreve política monetária estimulativa, ou seja, com taxas de juros abaixo da taxa estrutural.

Gráfico 1.2: Variação Acumulada dos últimos 12 meses IPCA – Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza



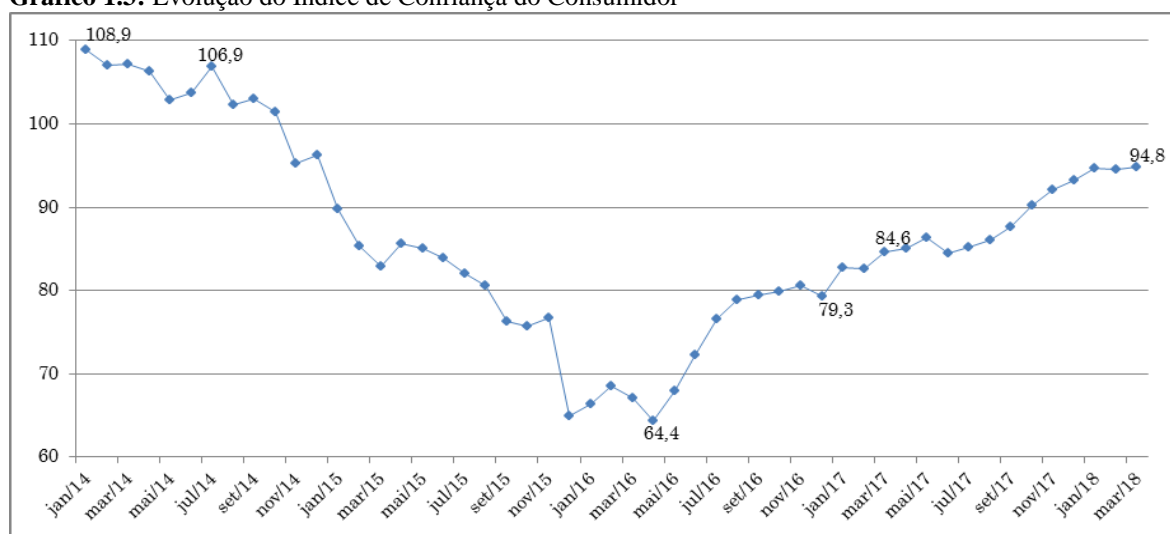
Fonte: IBGE; Elaboração: IPECE.

No que tange aos indicadores de expectativas, o Gráfico 1.3 apresenta a evolução do Índice de Confiança do Consumidor (ICC), indicador de produção de tendência econômica e que pode se utilizado como indicador antecedente de atividade econômica para tomada de decisões. No

ICC, suas tendências são determinadas pelas perspectivas futuras dos agentes econômicos (consumidores).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), a recuperação gradual tem contribuído para que os consumidores se sintam mais confiantes para novas compras, não obstante a sustentabilidade dessa melhora dependa da não ocorrência de choques negativos no âmbito político ou econômico nos próximos meses.

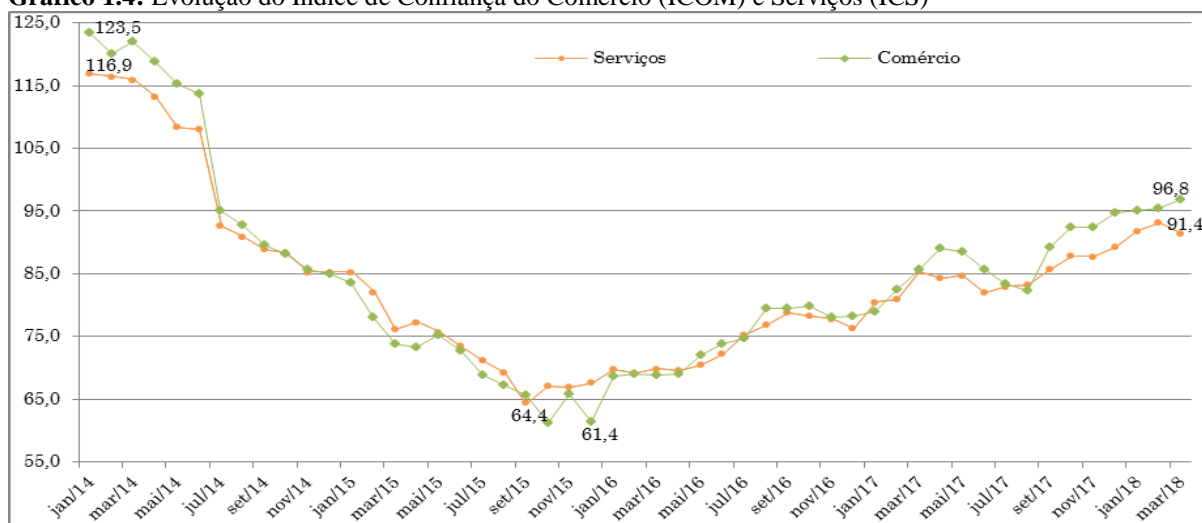
Gráfico 1.3: Evolução do Índice de Confiança do Consumidor



Fonte: FGV/IBRE; Elaboração: IPECE.

O Índice de Confiança do Comércio (ICOM) e o Índice de Confiança de Serviços (ICS), por sua vez, são apresentados no Gráfico 1.4. O ICOM e o ICS são indicadores sínteses da situação atual dos negócios e previsões para negócios em relação ao futuro próximo (seis meses seguintes).

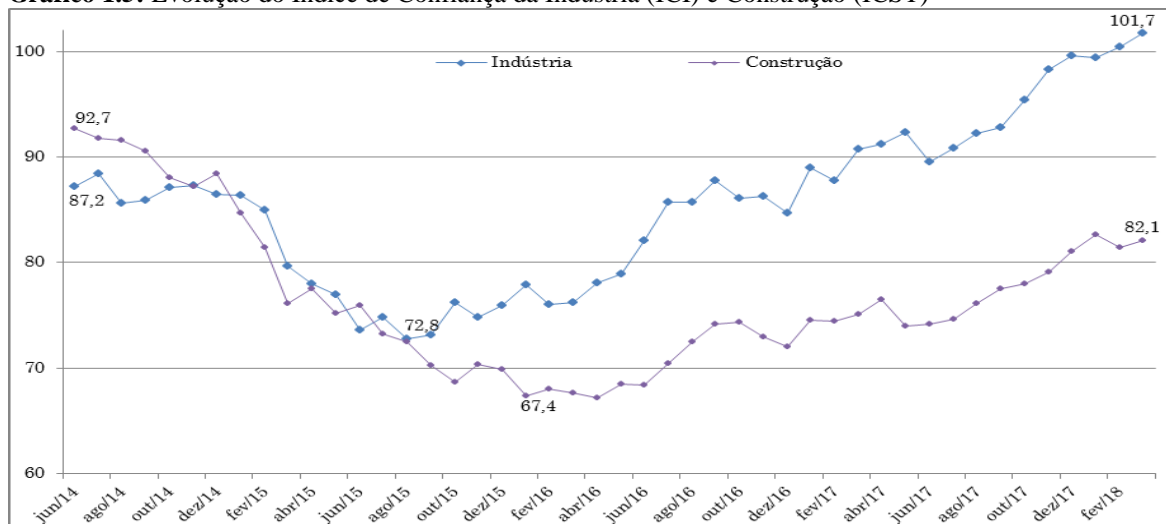
No caso do ICOM, até março de 2018 apresentou a sétima alta consecutiva e com um quadro de recuperação das vendas que vinha se desenhando desde o ano passado. O ICS, por outro lado, após acumular oito altas consecutivas recuou em março de 2018 sugerindo, de acordo com o IBRE, um movimento de acomodação e compatível com a lenta recuperação do nível de atividade que vem marcando o setor.

Gráfico 1.4: Evolução do Índice de Confiança do Comércio (ICOM) e Serviços (ICS)

Fonte: FGV/IBRE; Elaboração: IPECE.

Finalmente, o Gráfico 1.5 apresenta o Índice de Confiança da Indústria (ICI) e o Índice de Confiança da Construção (ICST) com base nas Sondagens da Indústria de Transformação e da Construção, respectivamente, ambos também com base nas sondagens divulgadas pelo IBRE. O Índice de Confiança da Indústria (ICI), na avaliação do IBRE, destaca que o setor industrial brasileiro retorna a uma situação de normalidade com continuidade do processo de recuperação da demanda interna no mercado interno e do nível de utilização da capacidade instalada.

No ICST, pode-se observar uma alta de 2,9 pontos com relação ao trimestre anterior, como destaca o IBRE, e revelando a retomada da confiança empresarial, já observada desde meados do ano passado. Por sua vez, é ressaltado que os sinais positivos ainda ocorrem, ainda, em poucas atividades, com destaque principal para o segmento de *Edificações*.

Gráfico 1.5: Evolução do Índice de Confiança da Indústria (ICI) e Construção (ICST)

Fonte: FGV/IBRE; Elaboração: IPECE.

2 ATIVIDADE ECONÔMICA CEARENSE

2.1 Produto Interno Bruto

No primeiro trimestre de 2018 com relação ao mesmo período de 2017, a economia cearense apresentou um crescimento de 1,55%. Este crescimento mostra que a economia do Ceará vem consolidando a retomada do crescimento econômico (Tabela 2.1). No acumulado dos últimos quatro trimestres registra-se um crescimento de 2,67%.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Ceará – 1º trim. 2017 a 1º trim. 2018 (*)

Setores e Atividades	1º Trim. 2017 (**)	2º Trim. 2017 (**)	3º Trim. 2017 (**)	4º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim. (***)
Agropecuária	1,66	56,43	27,01	30,55	23,82	34,54
Indústria	-2,56	-2,64	0,42	2,08	-1,16	-0,30
Extrativa Mineral	-20,06	-21,06	-20,89	-15,68	-11,45	-17,61
Transformação	0,03	3,32	3,11	4,29	3,34	3,52
Construção Civil	-7,59	-9,47	-1,71	2,36	-6,21	-3,82
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	5,68	1,22	1,20	-1,67	1,29	0,50
Serviços	-0,34	0,36	2,48	2,62	0,86	1,59
Comércio	-0,83	1,07	6,66	5,80	2,96	4,16
Alojamento e Alimentação	-3,15	-1,99	-0,16	0,75	0,74	-0,17
Transportes	-1,63	-2,08	0,31	3,32	0,83	0,63
Intermediação Financeira	-1,90	-1,19	2,41	3,33	0,60	1,32
Administração Pública	1,71	1,92	1,16	0,25	-0,01	0,83
Outros Serviços	-1,56	-1,08	-1,72	-0,60	-0,41	-0,96
Valor Adicionado (VA)	-0,68	2,27	3,47	3,74	1,61	2,79
PIB	-0,66	2,08	3,36	3,63	1,55	2,67

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos.

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior.

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do primeiro trimestre de 2018 com o mesmo período de 2017, a Agropecuária apresentou um crescimento de 23,82%. Para o mesmo período de análise, a Indústria apresentou uma queda de 1,16%, enquanto que o setor de serviços apresentou um crescimento de 0,86%. Observa-se que a grande maioria das atividades apresentaram resultados superiores às registradas no primeiro trimestre de 2017, indicando uma retomada para o crescimento econômico, no qual se pode confirmar a partir do crescimento dessas atividades nos trimestres de 2017 (Tabela 2.1).

Tabela 2.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior – Ceará – 1º trim. 2017 a 1º trim. 2018 (*)

Setores e Atividades	1º Trim. 2017 (**)	2º Trim. 2017 (**)	3º Trim. 2017 (**)	4º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)
Agropecuária	11,96	24,63	-13,82	8,44	5,31
Indústria	2,95	-1,25	0,18	0,25	-0,37
Extrativa Mineral	-11,22	-0,25	-2,40	-2,52	-6,41
Transformação	1,45	2,85	-0,88	0,98	0,38
Construção Civil	5,76	-6,07	2,98	-0,14	-3,03
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-0,01	0,30	-0,62	-1,27	2,99
Serviços	2,04	-0,13	0,92	-0,11	0,11
Comércio	3,69	-0,54	2,77	0,01	0,54
Alojamento e Alimentação	0,18	-0,10	0,45	0,27	0,06
Transportes	2,70	-0,18	0,57	0,31	0,18
Intermediação Financeira	1,43	-0,20	1,65	0,43	-1,25
Administração Pública	0,88	0,84	-0,71	-0,69	0,56
Outros Serviços	-1,12	0,18	-0,07	0,39	-0,84
Valor Adicionado (VA)	2,43	1,05	0,05	0,22	0,26
PIB	2,34	0,99	0,13	0,16	0,26

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos.

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior.

A Tabela 2.2 apresenta a análise das séries dessazonalizadas para a economia do Ceará. Na comparação do primeiro trimestre de 2018 em relação ao quarto trimestre de 2017, o PIB do Ceará cresceu 0,26%. Este resultado fortalece a indicação de uma tendência de retomada do crescimento e término da crise macroeconômica que afetou a economia cearense durante os trimestres de 2015 e 2016.

Na análise dos setores da economia cearense, a Agropecuária teve expansão de 5,31%, a Indústria apresentou uma queda de 0,37% e o setor de Serviços cresceu 0,11%. Na Indústria, o destaque positivo foi o crescimento de 0,38% na indústria de transformação. Já para o setor de Serviços, os destaques foram Administração Pública (0,56%) e o Comércio (0,54%).

2.2 Agropecuária

Prognóstico para a Quadra Chuvosa de 2018

De acordo com a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), no primeiro trimestre de 2018 a precipitação pluviométrica do Estado do Ceará foi de 372,7 mm, sendo -11,4% abaixo da média normal do estado. Em 2017, o volume de chuva no primeiro trimestre foi maior, registrando desvio positivo de 3,3% com relação a média normal para o estado (Tabela 2.3). Quando se compara a quantidade de chuva observada no primeiro trimestre, verificou-se que em 2018 a variação foi de 14,2% a menos do que a observada em 2017.

Analisando a distribuição espacial das chuvas ocorridas no primeiro trimestre de 2018 entre as macrorregiões do Ceará, verificou-se que as regiões que registraram os maiores volumes foram o Litoral Norte (571,8mm), Cariri (525,1mm), Litoral de Fortaleza (495,6mm) e Maciço de Baturité (435,7mm), com desvios em relação ao normal de 8,4%, 0,6%, 3,1% e 3,0%. Já entre as as regiões que apresentaram um menor volume de chuvas foram: Jaguaribara (334,1mm) e Sertão Central e Inhamuns (305,6mm), com desvio de -12,1% e -14,4%, respectivamente, abaixo da média normal (Tabela 2.3).

Tabela 2.3: Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas 1ºT 2017-2018

Macrorregião	Normal (mm)	Observada (mm)		Desvio* (%)	
		1º trim. 2017	1º trim. 2018	1º trim. 2017	1º trim. 2018
Cariri	521.7	464.3	525.1	-11.0	0.6
Ibiapaba	476.7	531.4	463.1	11.5	-2.8
Jaguaribara	380.0	371.5	334.1	-2.2	-12.1
Litoral de Fortaleza	480.7	660.6	495.6	37.4	3.1
Litoral de Pecem	441.8	493.6	398.4	11.7	-9.8
Litoral Norte	527.7	629.2	571.8	19.2	8.4
Maciço de Baturité	423.2	530.3	435.7	25.3	3.0
Sertão Central e Inhamuns	357.1	336.8	305.6	-5.7	-14.4
Ceará	420.8	434.4	372,7	3.3	-11.4

Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

*Desvio com relação a normal.

Com relação ao prognóstico divulgado no mês de fevereiro/2018 pela FUNCEME para a quadra chuvosa no Ceará, para o trimestre que vai de março a maio de 2018, as estimativas indicam uma probabilidade de 45% de chuvas acima da média, 35% de chuvas em torno da

média e 25% de chuvas abaixo da média. Essa probabilidade maior de chuvas em torno ou acima da média geram boas expectativas para o setor agropecuário, tendo em vista que o mesmo vem sofrendo com quebras de safras constantes em função da ocorrência de chuvas abaixo da média desde 2012.

Ao observar a capacidade de armazenamento dos reservatórios monitorada pela Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH) verificou-se que o volume armazenado de água pela rede composta por 155 reservatórios apresentou um pequeno incremento no percentual de volume de água armazenada, passando de 7,1% para 7,6%, considerando uma capacidade de armazenagem total de 18.625 hm³.

Tabela 2.4: Capacidade e Volume (%) – Bacias Hidrográficas do Ceará – 1ºT 2018

Regiões	Capacidade (hm ³)	Volume (%) no início do ano*	Volume (%) no 1º trim./2018	Volume (hm ³) 1º trim./2018
Acaraú	1.721.27	17,08%	19,65%	337,60
Alto Jaguaribe	2.778.52	6,32%	7,17%	199,20
Baixo Jaguaribe	24.00	0,96%	0,96%	0,23
Banabuiú	2.760.36	2,28%	2,10%	57,73
Coreaú	303.74	50,83%	77,34%	234,91
Curu	1.028.21	9,18%	10,38%	106,79
Litoral	214.90	36,84%	47,55% %	102,19
Médio Jaguaribe	7.386.69	2,43%	3,54%	261,77
Metropolitana	1.379.51	16,36%	14,88%	205,09
Salgado	452.31	7,65%	11,55%	52,26
Serra da Ibiapaba	141.00	19,70%	23,71%	33,43
Sertões de Crateús	448.09	0,25%	2,41%	10,78
Ceará	18.625,00	7,1%	7,6%	1.413,00

Fonte: COGERH. Elaboração: IPECE.

* Volume registrado em 01 de janeiro de 2018. **Volume registrado em 31 de março de 2018.

No primeiro trimestre de 2018, segundo a COGERH as bacias hidrográficas que estão com maior aporte de água acumulada são da Regiões de Acaraú, com 337,6 hm³, chegando a 19,65% de sua capacidade de armazenamento, a bacia do Médio Jaguaribe, com 261,77 hm³, Coreaú com 234,91 hm³ e Metropolitana com 205,09 hm³ (Tabela 2.4). Vale ressaltar que o açude Castanhão, maior açude do estado do Ceará, adquiriu 81,64 hm³ de água neste 1º trimestre de 2018. Este aumento foi pouco significativo em termos percentuais frente a sua capacidade total de armazenamento que é de 7.386 hm³, passando de 2,65% para 3,87%.

Da capacidade total de armazenamento de água do Ceará verificou-se que há apenas 7,6%, conforme monitoramento da COGERH, deixando o cenário de abastecimento de água

preocupante, tendo em vista que o volume de chuvas ocorridas no primeiro trimestre de 2018 ainda não foram suficientes para reverter um quadro de crise hídrica vivenciado pelo estado.

Desde 2012, o nível de água armazenado no estado do Ceará vem decrescendo ano a ano, devido à escassez hídrica associada as secas, causando grandes oscilações na produção agropecuária, visto que a produção agrícola fica praticamente dependente das chuvas ocorridas no momento.

Produção de Grãos

No que se refere a produção de grãos no Ceará, mesmo diante de um cenário de chuvas um pouco abaixo da média ocorridas no 1º trimestre de 2018, as estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA/IBGE)¹ para a produção de grãos no estado apontam para um nível de produção em 2018 de 540,3 mil toneladas, um nível próximo ao obtido em 2017. O crescimento registrado para a safra de grãos em 2018 foi de 1,62%, comparada a produção obtida em 2017.

Entre as culturas produtoras de grãos houve aumento na produção de arroz (29,4%), milho (3,8%), fava (22,8%), algodão (93,2%) e mamona (16,6%). Entre as culturas que apresentaram queda de safra estão o feijão (-8,9%) e o amendoim (-52,1%).

No que se refere ao cultivo de mandioca, houve uma redução no seu nível de produção de 2,3%, comparado ao ano anterior. Essa redução na mandioca está associada a redução da área plantada devido a pouca disponibilidade hídrica.

Tabela 2.5: Produção obtida e estimativa de Grãos e outras culturas no Ceará – 2017-2018

Produção	Produção (t) 2017	Produção (t) 2018	Var (%) 2018/2017
Algodão	325	628	93,2%
Amendoim	1066	511	-52,1%
Arroz	19.762	25.573	29,4%
Feijão	133.225	121.304	-8,9%
Fava	3596	4415	22,8%
Mamona	398	464	16,6%
Milho	373.231	387.356	3,8%
Total Grãos	531.696	540.323	1,6%
Mandioca	439.572	429.373	-2,3%

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: (*) O valor de 2017 refere-se aos valores da produção obtida e o valor de 2018 corresponde a estimativa.

Ressalta-se que as estimativas do primeiro trimestre estão baseadas principalmente na informação de áreas plantadas e produtividade prevista, havendo pequena quantidade de

¹ As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começa o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

produção. Apenas nas demais estimativas são captadas os efeitos ocorridos ao longo do período. Sendo assim, entende-se que esses valores de produção são alterados, conforme novas informações geradas pela LSPA.

Produção de Frutas

A produção de frutas no Ceará ainda apresenta-se de forma tímida pois as culturas frutíferas dependem não só das chuvas do período mas também da quantidade de água dos reservatórios de modo que garanta a produção ao longo do ano. Conforme mencionado anteriormente, as chuvas ocorridas no primeiro trimestre de 2018 não foram suficientes para mudar o cenário dos reservatórios. Sendo assim, os produtores ainda encontram-se receosos para ampliar as áreas de plantio e colheita.

Conforme visto na Tabela 2.6, a estimativa da produção de banana (-6,74%), acerola (-1,72%), laranja (-8,58%) e manga (-1,93%) indicam redução para 2018, comparada ao ano de 2017. Já a produção de maracujá indica aumento de 45,86% em virtude do melhor rendimento obtido no primeiro trimestre de 2018. Também indicam aumento de produção o coco-da-baía (32,58%), o mamão (20,31%) e a goiaba (4,98%). Embora o plantio de melão e melancia sejam quase na totalidade irrigada, observou-se que a estimativa de produção dessas culturas para 2018 é de crescimento, aumento que é explicado pelo deslocamento da produção para a área litorânea de Icapuí.

Tabela 2.6: Produção obtida e estimativa de Frutas no Ceará – 2017-2018

Produção de Frutas	Produção 2017*	Estimativa 2018*	Varição (%) 18/17
Acerola	12.995	12.772	-1,72
Banana	393.025	366.519	-6,74
Goiaba	17.696	18.577	4,98
Laranja	9.480	8.667	-8,58
Mamão	109.893	132.213	20,31
Manga	45.338	44.465	-1,93
Maracujá	94.816	138.296	45,86
Melancia	28.936	33.842	16,95
Melão	70.593	82.687	17,13
Coco-da-baía**	186.733	247.565	32,58

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Notas: (*) As quantidades de 2017 e 2018 refere-se as estimativas obtidas pela LSPA.

(**) Produção em mil frutos.

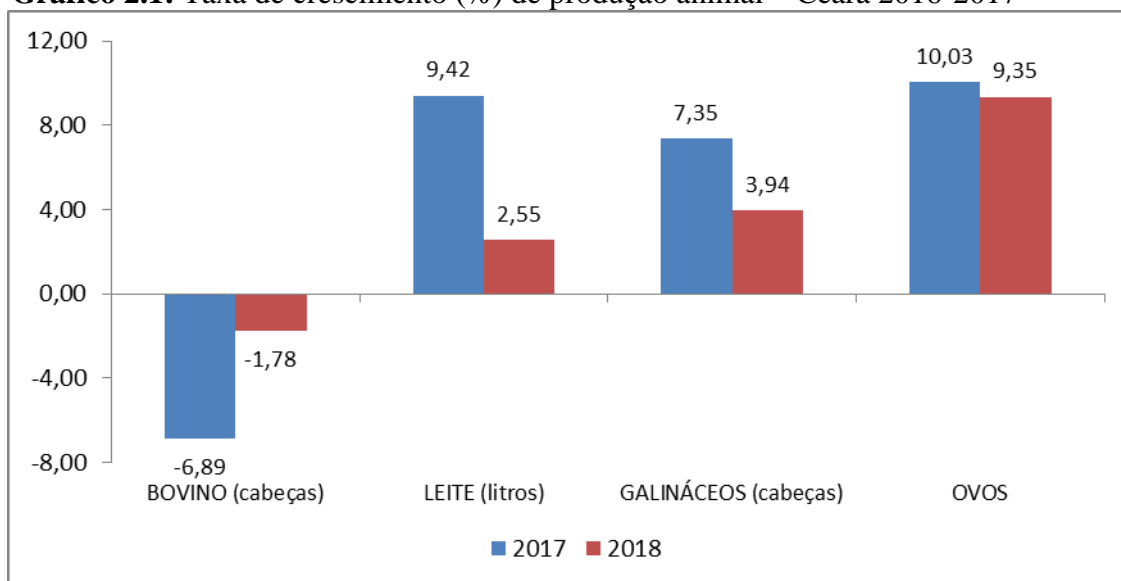
Pecuária

A produção pecuária cearense aponta um desempenho moderado para o ano de 2018, indicando uma estabilidade mesmo com o longo período de seca que afetou o setor nos

últimos anos. Dentre as atividades pecuárias, a bovina mostrou-se mais vulnerável a seca, indicando mais um ano de queda (-1,78%). A produção de leite mantém a tendência de crescimento, porém em um ritmo menos acelerado do que o registrado para 2017.

Ressalta-se também o desempenho positivo da atividade galináceos, que indica crescimento de 3,94% em 2018, com relação ao ano anterior. Quanto a produção de ovos é estimado mais um ano de crescimento, com variação de 9,35% em 2018, comparado ao ano de 2017 (Gráfico 2.1).

Gráfico 2.1: Taxa de crescimento (%) de produção animal – Ceará 2016-2017



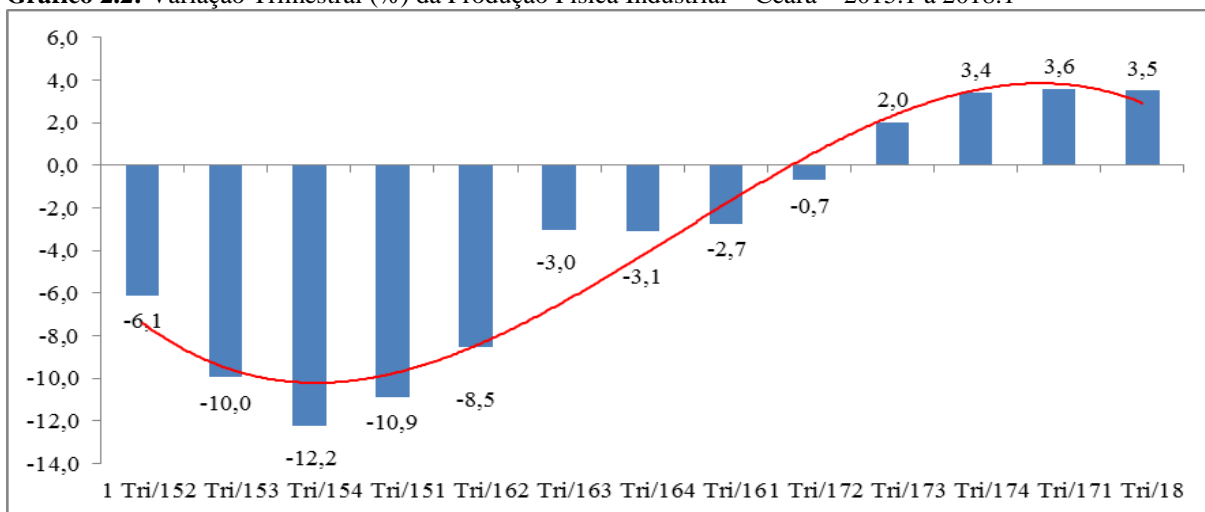
Fonte: IBGE/IPECE. Elaboração: IPECE.

2.3 Indústria

Indústria de Transformação

Os primeiros meses de 2018 foram de expansão para a produção física da indústria no Ceará. Com o resultado do primeiro trimestre do ano, a indústria de transformação no estado registrou seu quarto resultado positivo consecutivo para o indicador de produção trimestral. A atividade encerrou os meses de janeiro a março com um crescimento de 3,5% em comparação com o mesmo período de 2017. Os dados constam do indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE).

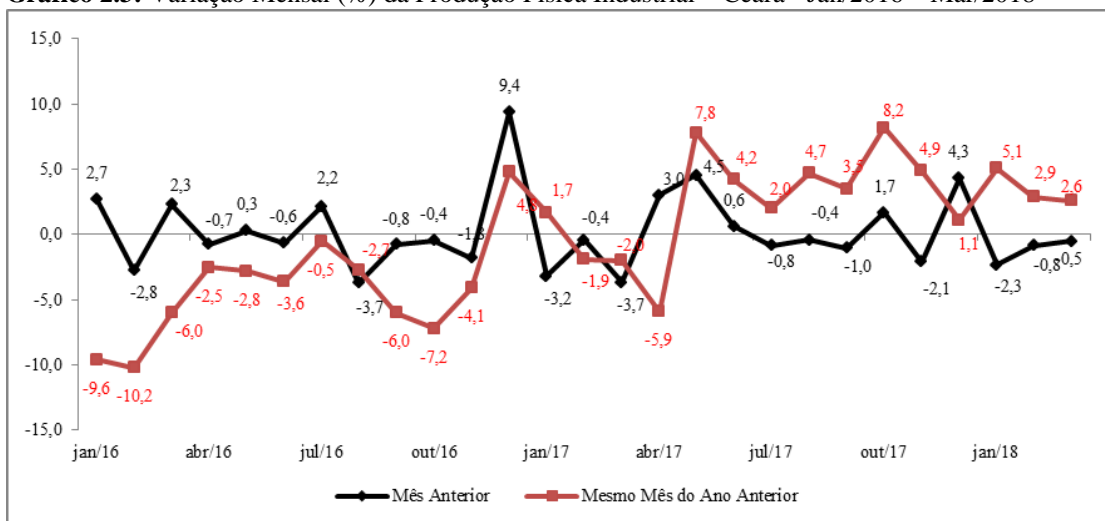
A sequência positiva reforça o movimento de retomada do crescimento da atividade. O Gráfico 2.2, a seguir, destaca a trajetória de recuperação.

Gráfico 2.2: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2015.1 a 2018.1

Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

A sequência de resultados positivos é também percebida na avaliação mensal. Na comparação com iguais meses do ano anterior, os resultados da manufatura cearense foram 5,1%, 2,9% e 2,6% em janeiro, fevereiro e março, respectivamente. Com os últimos números, a indústria alcança onze meses seguidos de aumento na produção neste tipo de comparação. Já na avaliação contra os meses imediatamente anteriores, a indústria cearense registrou resultados levemente negativos, sem apresentar movimentos expressivos. O Gráfico 2.3 abaixo apresenta as taxas.

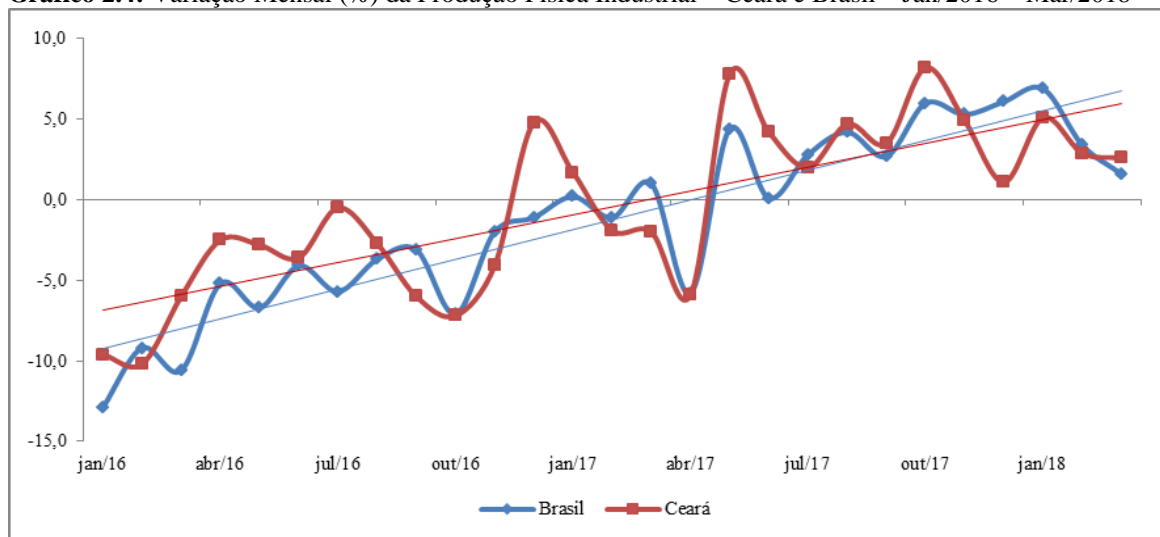
Gráfico 2.3: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará - Jan/2016 – Mar/2018

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

O Gráfico 2.4, a seguir, compara a trajetória mensal da atividade industrial no Ceará e no Brasil. Neste, é possível perceber a melhora do ritmo da produção em ambos os parques. Com

os últimos resultados, a indústria brasileira passou a apresentar uma trajetória de expansão levemente superior àquela registrada pelo Ceará, alterando a dinâmica percebida até o último trimestre de 2017. No gráfico, as linhas retas indicam a tendência do comportamento no período e confirmam a similaridade das trajetórias.

Gráfico 2.4: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil – Jan/2016 – Mar/2018



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. As linhas retas indicam tendência de comportamento dos dados no período considerado.

No comparativo com os demais Estados, os resultados do primeiro trimestre mostram a manutenção do quadro de recuperação na maior parte dos estados brasileiros. Como observado nos últimos períodos, nos meses iniciais de 2018, a maioria dos estados pesquisados apresentaram números positivos indicando uma expansão da produção industrial local.

No resultado trimestral, entre os quatorze estados que participam do levantamento, apenas quatro registraram queda na produção na comparação com o ano anterior. São eles, Espírito Santo (-8,1%), Paraná (-1,3%), Pará (-1,0%) e Goiás (-0,7%). Já entre aqueles que apresentaram expansão, destaque para as indústrias do Amazonas (26,3%), São Paulo (5,4%) e Santa Catarina (4,7%). A indústria cearense acumulou no primeiro trimestre de 2018 uma expansão de 3,5% sobre o ano de 2017. Com o desempenho, o estado se coloca como o quinto maior crescimento entre unidades pesquisadas. Na comparação com a média nacional e do Nordeste, o desempenho estadual se mostra próximo ao país (3,9%), e bastante superior à Região (0,3%). A Tabela 2.7 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e para a região.

Tabela 2.7: Variação (%) da Produção Física Industrial – Brasil e Estados – Jan-Mar/2017 e 2018 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2017)			Acumulado Ano (2017)	Variação Mensal (2018)			Acumulado Ano (2018)
	Janeiro	Fevereiro	Março		Janeiro	Fevereiro	Março	
Brasil	0,2	-1,1	1,0	0,1	6,9	3,4	1,6	3,9
Nordeste	-1,7	-0,4	-0,9	-1,0	1,7	2,8	-3,3	0,3
Amazonas	9,0	7,3	-7,6	2,0	36,4	17,1	25,5	26,3
São Paulo	1,4	-1,8	1,5	0,4	7,3	4,4	4,5	5,4
Santa Catarina	6,0	4,3	6,0	5,4	10,1	4,3	0,5	4,7
Rio de Janeiro	1,8	2,3	5,6	3,3	9,3	4,3	-2,4	3,6
Ceará	1,7	-1,9	-2,0	-0,7	5,1	2,9	2,6	3,5
Minas Gerais	-1,4	-1,3	-1,2	-1,3	9,1	-0,3	0,1	2,8
Bahia	-14,4	-3,3	-3,0	-7,2	5,8	4,0	-5,1	1,3
Pernambuco	15,3	-1,0	3,1	6,2	-1,7	5,1	1,2	1,2
Rio Grande do Sul	-4,0	0,8	7,4	1,7	7,4	0,8	-4,6	0,7
Mato Grosso	13,1	-9,4	0,8	1,0	0,2	-2,3	3,8	0,6
Goiás	12,1	4,2	8,3	8,0	1,8	-1,5	-2,1	-0,7
Pará	-3,6	-4,8	2,6	-2,0	3,9	2,3	-9,1	-1,0
Paraná	7,8	5,8	6,1	6,5	-1,7	0,0	-2,1	-1,3
Espírito Santo	15,4	-7,7	-2,0	1,5	-13,5	-10,8	0,5	-8,1

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2017.

Resultados Setoriais

No tocante as atividades industriais, no primeiro trimestre do ano, apenas quatro das onze atividades pesquisadas apresentaram resultados negativos para a produção na comparação com igual período do ano anterior. Esse movimento mantém um quadro de recuperação mais disseminado entre as atividades, fortalecendo o processo de retomada experimentado pela indústria.

Ao ponto destacado acima, adiciona-se o fato de que, no atual período, as atividades menos tradicionais para a indústria cearense foram aquelas que mais contribuíram para o crescimento conjunto do setor. Na ausência de desempenhos mais favoráveis por parte das atividades mais tradicionais, aquelas de menor participação na estrutura industrial sustentaram o ritmo da indústria. Fato positivo que confirma um movimento de retomada mais difuso.

No trimestre, dentre as atividades com crescimento, destaque para os setores de Bebidas (19,0%), Produtos de metal (102,0%), Combustíveis e derivados (15,0%), Produtos químicos (13,6%). Por outro lado, atividades tradicionais registraram reduções no trimestre, tais como Alimentos (-3,6%), Couro e calçados (-1,6%). A Tabela 2.8, a seguir, apresenta os números para atividades industriais nos últimos trimestres. A Tabela 2.9, na sequência, compara para todos os setores a taxa de crescimento acumulada em 2017 e 2018.

Tabela 2.8: Variação Trimestral (%) da Produção Física por Atividades Industriais – Ceará – 2017 e 2018

Setores	Variação Trimestral (2017)				Variação Trimestral (2018)
	I	II	III	IV	I
Indústrias de transformação	-0,7	2,2	3,5	4,8	3,5
Fabricação de bebidas	-16,0	3,3	-0,7	13,2	19,0
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-44,0	-33,3	-12,9	27,7	102,0
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-32,0	-39,3	-18,4	0,7	15,0
Fabricação de outros produtos químicos	1,6	-10,1	27,2	22,9	13,6
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-12,2	0,9	-3,3	23,9	9,6
Metalurgia	47,3	79,6	43,5	9,6	1,2
Fabricação de produtos têxteis	16,2	14,5	6,3	2,7	-0,3
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,8	14,7	8,5	11,8	0,0
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-13,2	-18,7	-9,5	-8,1	-1,1
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	9,7	7,7	4,0	1,2	-1,6
Fabricação de produtos alimentícios	4,5	1,9	6,6	-2,0	-3,6

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pela contribuição ao crescimento total em 2018.1.

Tabela 2.9: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Física por Atividades Industriais- 2017 e 2018 – Ceará

Setores	Acumulado Ano (2017)	Acumulado Ano (2018)
Indústrias de transformação	-0,70	3,50
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-44,10	102,00
Fabricação de bebidas	-16,00	19,00
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-32,00	15,00
Fabricação de outros produtos químicos	1,70	13,60
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-12,20	9,60
Metalurgia	47,30	1,20
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,70	0,00
Fabricação de produtos têxteis	16,30	-0,30
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-13,20	-1,10
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	9,70	-1,60
Fabricação de produtos alimentícios	4,50	-3,60

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2018.

2.4 Serviços

2.4.1. Pesquisa Mensal de Serviços²

Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros segue novamente com desempenho negativo ao registrar queda de 9,3% no primeiro trimestre do ano de 2018 comparado ao mesmo trimestre do ano anterior.

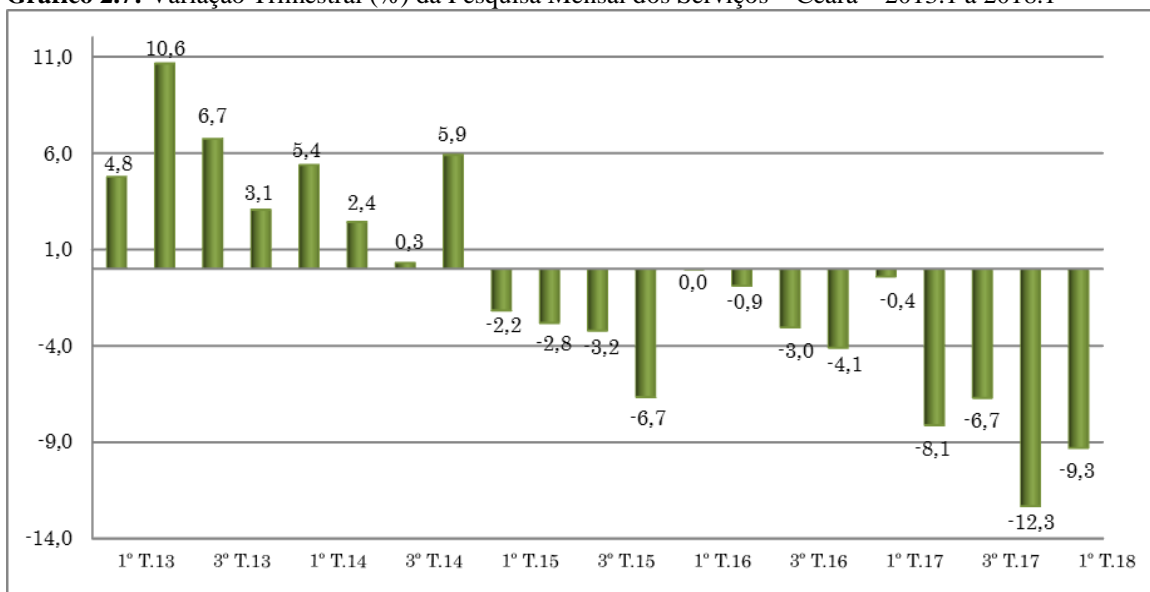
Embora menos intensa do que a queda do quarto trimestre de 2017, ambas comparadas com relação ao mesmo período do ano anterior, a queda neste primeiro trimestre do ano de 2018 alcança uma maior intensidade quando comparada ao demais trimestres de 2017, o que revela que o setor ainda não retomou de forma plena a retomada da cíclica iniciada no início do ano passado.

Adicionalmente, não obstante a estagnação ocorrida no primeiro trimestre de 2016, essa queda representa a décima terceira seguida a partir de uma comparação com relação ao mesmo trimestre do ano anterior (ver Gráfico 2.7).

O Gráfico 2.7 também apresenta a evolução das taxas trimestrais desde o primeiro trimestre de 2013. Em que pese à desaceleração econômica da economia brasileira iniciada em 2014, os dados da PMS revelam que a retração do setor de serviços cearense dar-se-á apenas a partir do primeiro trimestre de 2015, o que permite deduzir que o setor tende a ter uma maior defasagem com relação às contrações e expansões dos ciclos econômicos. Portanto, a recuperação iniciada em 2017 ainda não foi suficiente para a aceleração das atividades que compõem os serviços empresariais não-financeiros da PMS.

² Os segmentos da Pesquisa Mensal dos Serviços são divididos em cinco grandes grupos, a saber: 1) Serviços Prestados às Famílias; 2) Serviços de Informação e Comunicação; 3) Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares; 4) Transportes, Serviços Auxiliares dos Transportes e Correio; 5) Outros Serviços. O Grupo Outros Serviços são formados pelas atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais. Deve-se frisar que esses segmentos não são iguais aos subsetores daqueles que compõem as estimativas do PIB trimestral o que leva a resultados e interpretações distintas com relação a estes.

Gráfico 2.7: Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Ceará – 2013.1 a 2018.1

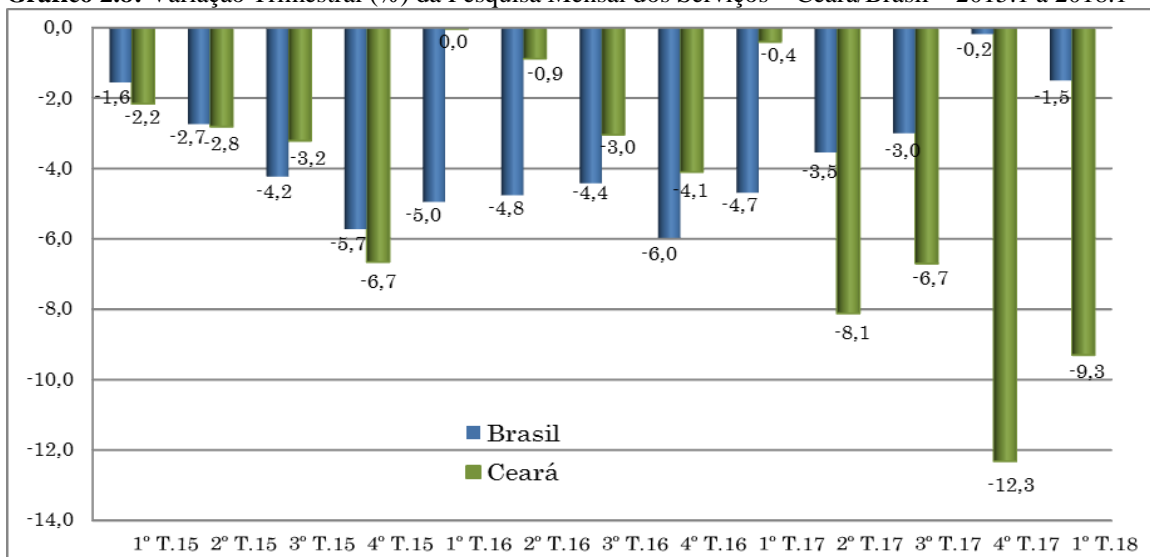


Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

A partir de um comparativo nacional, o Gráfico 2.8 apresenta os mesmos resultados do gráfico anterior, com dados a partir do primeiro trimestre de 2015, período em que se inicia a contração do setor.

As taxas observadas ao longo de 2017 revelam que a queda dos serviços do Ceará ocorreu de forma mais intensiva que o nacional assim como o primeiro trimestre de 2018. Embora o primeiro trimestre do Brasil tenha apresentado recuo de 1,5% com relação ao mesmo período do ano anterior, é clara ao longo dos trimestres quedas a taxas de decrescentes, revelando recuperação mais rápida quando comparada ao Estado.

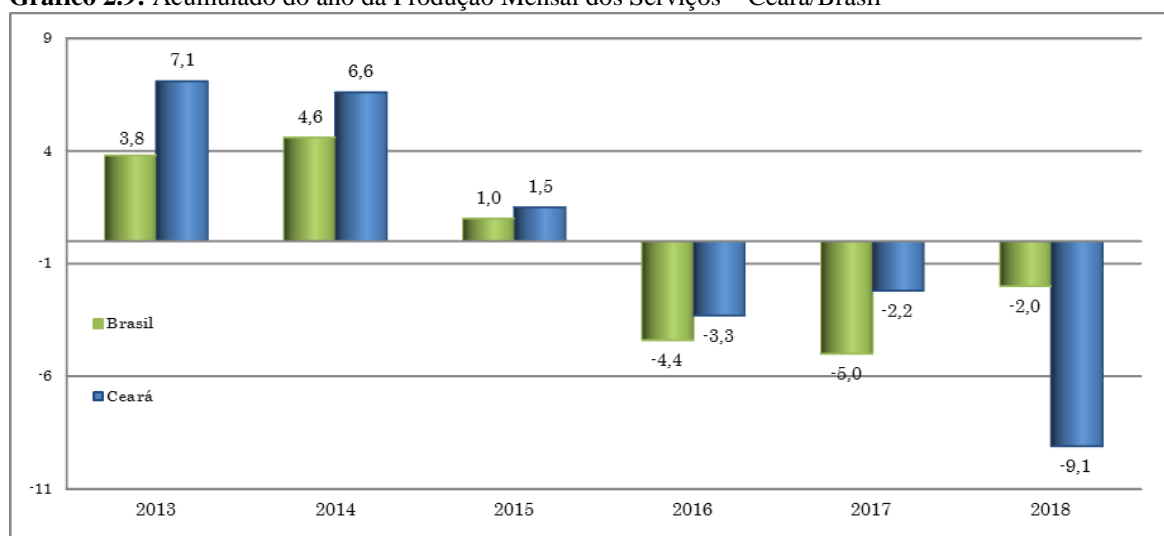
Gráfico 2.8: Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Ceará/Brasil – 2015.1 a 2018.1



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 2.9 são apresentados os resultados para o acumulado dos últimos 12 meses tanto para o Brasil como para o Ceará a partir do ano de 2013. Estes números são condizentes com os resultados anteriores na medida em que revela o ciclo de desaceleração econômica desde a depressão econômica iniciada em 2014 e como o setor de serviços apresenta uma defasagem de resposta.

Gráfico 2.9: Acumulado do ano da Produção Mensal dos Serviços – Ceará/Brasil



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Os dados do Gráfico 2.10, por sua vez, apresentam as taxas de variação trimestral para os quatro principais segmentos do setor de serviços da PMS do Ceará. Em primeiro lugar, como já observado acima para o cômputo do setor, três destes segmentos tiveram desempenhos expressivamente negativos neste primeiro trimestre de 2018.

Por outro lado, os Serviços Prestados às Famílias, tido como um dos principais segmentos, destaca-se como por ter apresentado duas quedas seguidas no primeiro trimestre dos anos de 2016 e 2017, mas um crescimento expressivo de 8,4% no primeiro trimestre de 2018.

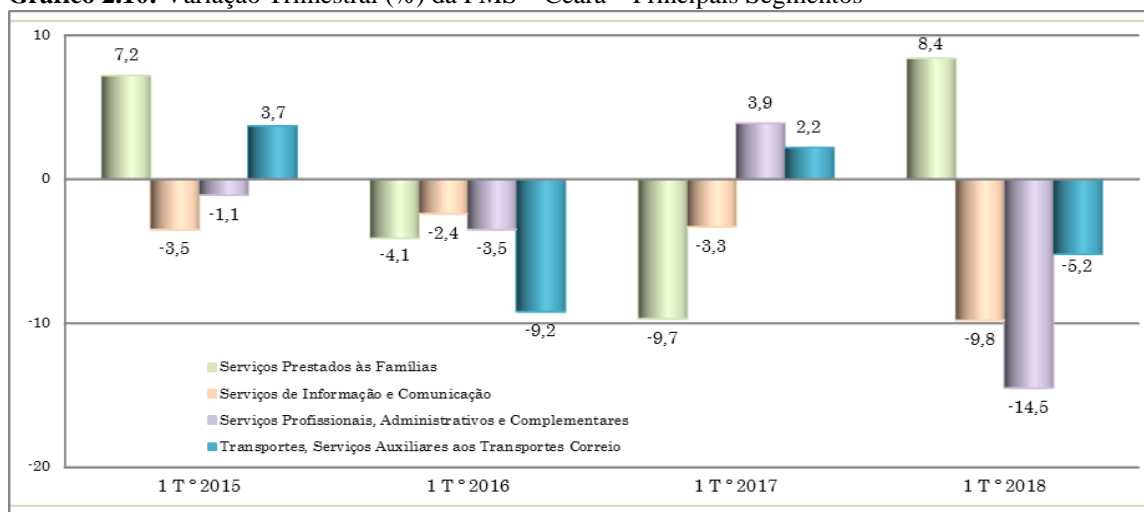
O desempenho positivo deste segmento pode ter raízes associadas a conjuntura macroeconômica nacional em razão da baixa inflação e juros historicamente baixos, contribuindo para a retomada do consumo das famílias. De fato, este segmento destaca-se por sua maior elasticidade renda da demanda, como restaurantes, serviços de *catering*, recreação, esporte, arte e cultura, etc.

Serviços de Informação e Comunicação, Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares e Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio tiveram retração de 9,8%, 14,5% e 5,2%, respectivamente. Este primeiro segmento, mais intensivo em

capital, revela que os investimentos ainda não apresentaram resposta diante da recuperação cíclica, assim como os Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares, que tem parte do segmento associado a setores compostos por empresas.

Finalmente, Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, presente em diversas cadeias produtivas industriais, teve uma menor retração, em consonância com a recuperação da indústria nos últimos trimestres e disseminação no segmento.

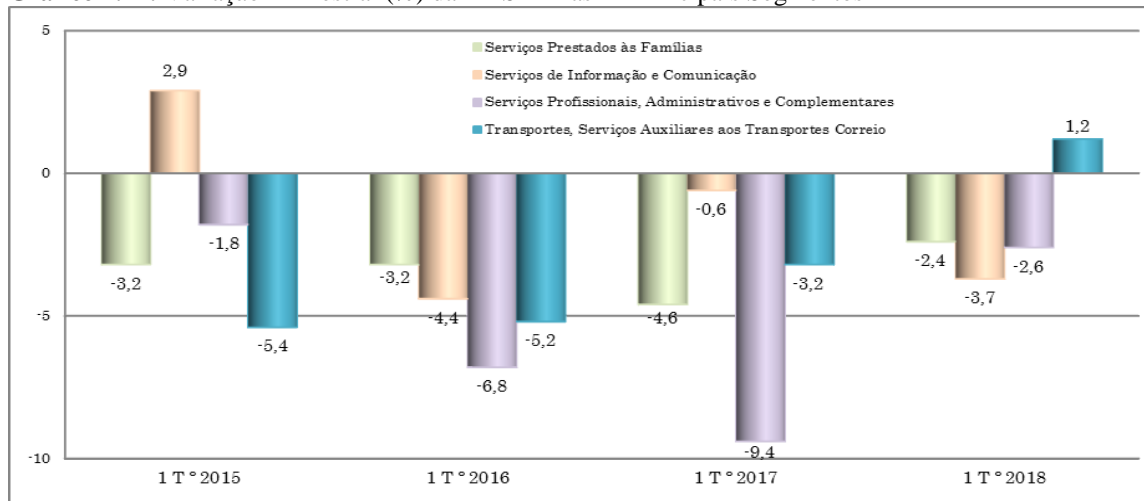
Gráfico 2.10: Variação Trimestral (%) da PMS – Ceará – Principais Segmentos



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 2.11 é também apresentado os mesmos resultados do gráfico anterior, mas para o Brasil. Neste caso, o crescimento de 1,2% do segmento Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio é condizente com a recuperação da atividade industrial dada sua relação com a cadeia produtiva deste setor.

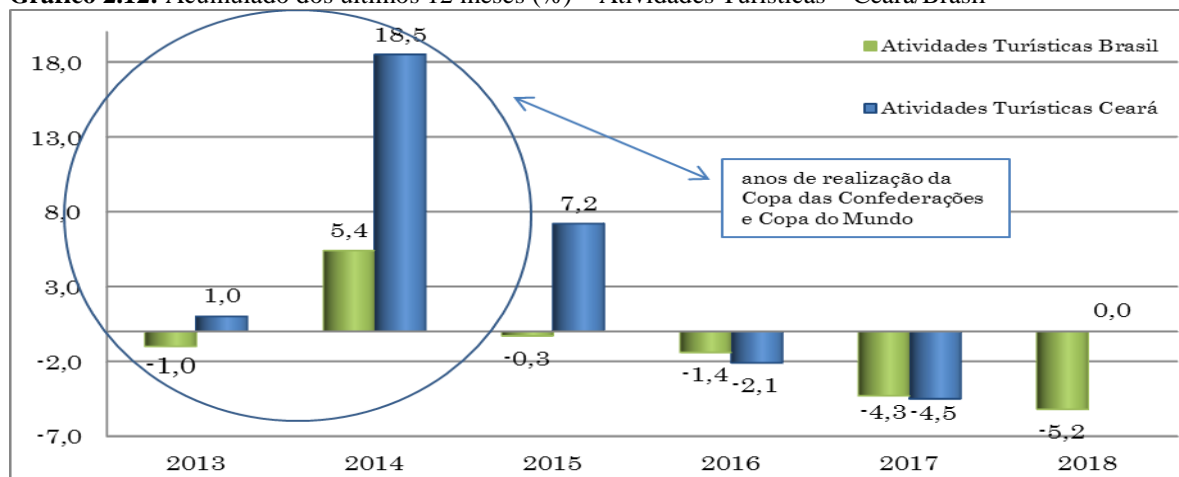
Gráfico 2.11: Variação Trimestral (%) da PMS – Brasil – Principais Segmentos



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Finalmente, o Gráfico 2.12 apresenta o acumulado para os últimos 12 meses do Índice de Atividades Turísticas (IATUR), que é construído a partir de dez agrupamentos de atividades ligados ao setor.

Gráfico 2.12: Acumulado dos últimos 12 meses (%) – Atividades Turísticas – Ceará/Brasil



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Destaca-se, primeiramente, que os eventos esportivos ocorridos ainda nos anos de 2013 e 2014 parecem ter impulsionado o setor no Estado do Ceará. Em particular, o acumulado dos últimos 12 meses para o Estado no ano da copa do mundo registrou o expressivo crescimento de 18,5%. O nacional a taxa registrada foi de 5,4%.

Nos anos de 2015, 2016 e 2017 são claros os efeitos da recessão no setor para o Brasil. No Ceará, o acumulado dos últimos 12 para o ano de 2015 ainda registrava crescimento de 7,2%, tendo a crise registrado desempenho negativo nos anos de 2016 e 2017 de, respectivamente, 2,1% e 4,5%. O acumulado dos últimos 12 meses para o ano de 2018 ao registrar estagnação parece indicar a recuperação da atividade.

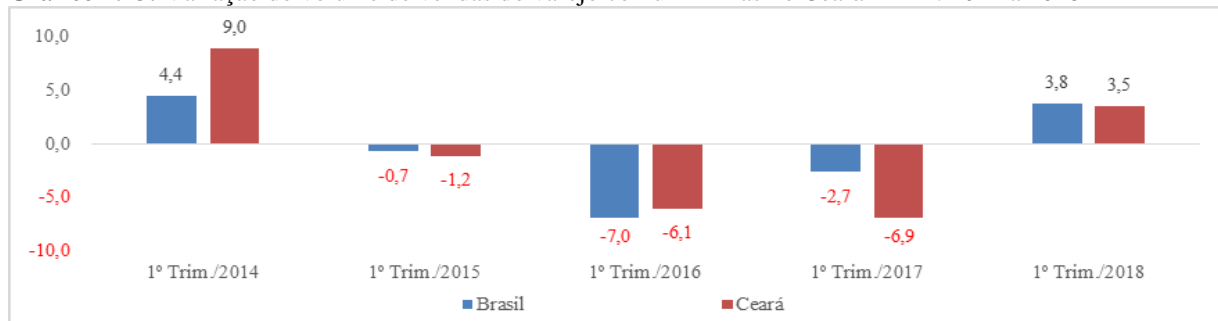
2.4.2. Comércio Varejista

Conforme dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE, o varejo comum nacional acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 3,8% comparado ao primeiro trimestre de 2017. Nota-se que esse crescimento deu-se após três quedas consecutivas para o referido período: 2015 (-0,7%); 2016 (-7,0%) e 2017 (-2,7%), revelando que as vendas do varejo comum nacional esboçou um início de recuperação. (Gráfico 2.13).

Por seu turno, o varejo comum cearense acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 3,5% comparado ao primeiro trimestre de 2017, levemente abaixo do registrado pelo país. Nota-se que esse crescimento deu-se também depois de três quedas consecutivas para o

referido período: 2015 (-1,2%); 2016 (-6,1%) e 2017 (-6,9%), mostrando um comportamento de recuperação das vendas do varejo comum estadual. (Gráfico 2.13).

Gráfico 2.13: Variação do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – 1º T. 2014 a 2018

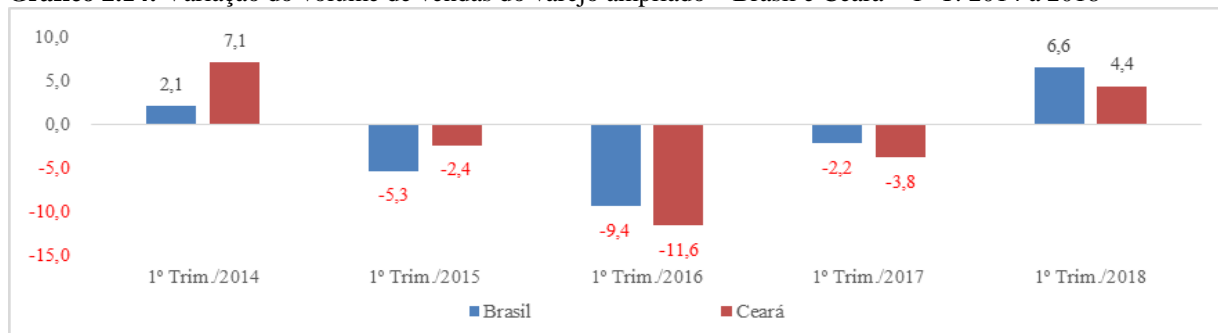


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Já em relação as vendas do varejo ampliado nacional, que inclui além das atividades que formam o varejo comum e também as vendas de Veículos e de Materiais de construção, o país acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 6,6% comparado ao primeiro trimestre de 2017. Nota-se que esse crescimento deu-se após três quedas consecutivas para o referido período: 2015 (-5,3%); 2016 (-9,4%) e 2017 (-2,2%), revelando que o varejo ampliado nacional apresentou nítida recuperação no período. (Gráfico 2.14).

Enquanto isso, o varejo ampliado cearense também acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 4,4% comparado ao primeiro trimestre de 2017, abaixo do registrado pelo país. Nota-se também que esse crescimento deu-se depois de três quedas consecutivas para o referido período: 2015 (-2,4%); 2016 (-11,6%) e 2017 (-3,8%), revelando uma trajetória de recuperação também no varejo ampliado estadual (Gráfico 2.14).

Gráfico 2.14: Variação do volume de vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – 1º T. 2014 a 2018



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Variação do Volume de Vendas do Varejo no Contexto Nacional

Pela análise da Tabela 2.9 é possível conhecer a variação do volume de vendas do varejo comum para o Brasil e para os vinte e sete estados da federação para o primeiro trimestre dos últimos cinco anos. Nota-se que no primeiro trimestre de 2016, o país e todos os estados haviam registrado queda nas vendas do varejo. Em 2017, apenas oito estados registraram crescimento com o Ceará ainda registrando queda. Por outro lado, no primeiro trimestre de 2018, o número de estados a registrar crescimento subiu para vinte e um, revelando que a recuperação do varejo comum nacional deu-se de forma descentralizada em grande parte dos estados do país. As maiores altas no varejo comum foram observadas em Roraima (+13,0%); Santa Catarina (+12,8%); Rio Grande do Norte (+12,0%); Amazonas (+11,8%) e Acre (+10,2%), ou seja, a maioria na região Norte do país. O estado do Ceará registrou o décimo quinto maior crescimento com variação de 3,5%. Por outro lado, as quedas foram observadas em Goiás (-5,5%); Distrito Federal (-2,3%); Amapá (-1,6%); Bahia (-0,6%) e Mato Grosso do Sul (-0,5%).

Tabela 2.9: Variação do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Estados – 1º T. 2014 a 2018

Estados	1º Trim./2014	1º Trim./2015	1º Trim./2016	1º Trim./2017	1º Trim./2018
Roraima	-1,9	20,4	-1,9	-11,2	13,0
Santa Catarina	2,6	1,4	-9,3	11,3	12,8
Rio Grande do Norte	5,2	1,0	-9,3	-2,8	12,0
Amazonas	2,2	-4,2	-11,1	1,8	11,8
Acre	12,0	8,9	-10,8	-4,4	10,2
Rio Grande do Sul	3,9	-3,5	-5,1	0,7	10,0
Pará	5,6	-0,8	-8,9	-10,4	9,8
Espírito Santo	1,1	-2,4	-9,3	-13,6	9,3
Maranhão	10,0	-3,6	-7,2	-0,4	9,0
Tocantins	10,0	-1,0	-6,2	-5,6	8,6
Rondônia	6,7	6,2	-9,0	-6,0	8,4
Piauí	4,6	-0,7	-7,8	-8,2	6,5
Mato Grosso	6,3	-6,5	-7,6	-1,7	5,1
Paraná	4,0	2,0	-8,5	0,3	5,1
Ceará	9,0	-1,2	-6,1	-6,9	3,5
Minas Gerais	3,9	-1,5	-0,6	2,2	3,3
Rio de Janeiro	1,7	2,2	-7,5	-6,1	2,4
São Paulo	4,6	-0,5	-6,3	-3,9	2,0
Sergipe	3,7	4,7	-12,2	-9,1	0,7
Paraíba	2,1	-4,3	-4,1	0,3	0,4
Alagoas	9,8	-2,8	-8,6	5,5	0,1
Pernambuco	5,7	-1,3	-11,1	0,0	-0,0
Mato Grosso do Sul	4,7	1,0	-5,7	-1,4	-0,5
Bahia	9,4	-3,7	-11,9	-4,9	-0,6
Amapá	7,1	6,0	-21,6	1,4	-1,6
Distrito Federal	3,1	-4,5	-9,6	-10,9	-2,3
Goiás	6,1	-7,6	-10,0	-10,4	-5,5
Brasil	4,4	-0,7	-7,0	-2,7	3,8

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

A Tabela 2.10 abaixo apresenta a variação do volume de vendas do varejo ampliado também para o país e os vinte e sete estados da federação para o período do primeiro trimestre nos últimos cinco anos. Novamente, em 2016, todos os estados registraram queda no volume de vendas também no varejo ampliado. Em 2017, apenas oito estados apresentaram

crescimento. Já em 2018, a exceção de Goiás, todos os demais estados registraram crescimento nas vendas do varejo ampliado. As maiores altas no varejo ampliado foram observadas nos estados de Espírito Santo (+20,0%); Santa Catarina (+16,4%); Amazonas (+15,3%); Rondônia (+13,7%) e Tocantins (+13,2%) para listar as cinco maiores. O estado do Ceará registrou a décima nona maior alta com variação de 4,4%, superando dentro da região Nordeste os resultados de Sergipe (+4,0%); Bahia (+3,9%); Pernambuco (+2,0%) e Alagoas (+1,7%).

Tabela 2.10: Variação do volume de vendas do varejo ampliado – Brasil e Estados – 1º T. 2014 a 2018

Estados	1º Trim./2014	1º Trim./2015	1º Trim./2016	1º Trim./2017	1º Trim./2018
Espírito Santo	-8,0	-6,0	-20,2	-6,3	20,0
Santa Catarina	6,0	-4,6	-12,7	10,2	16,4
Amazonas	3,6	-3,5	-12,6	2,3	15,3
Rondônia	1,6	1,5	-4,4	-13,5	13,7
Tocantins	2,4	-3,6	-13,5	-1,7	13,2
Roraima	-1,5	8,3	-2,9	-3,4	12,8
Acre	7,2	-3,0	-9,1	-5,6	12,2
Mato Grosso	4,2	-5,8	-11,2	0,3	10,1
Rio Grande do Sul	6,8	-8,1	-11,9	5,3	9,8
Pará	2,4	-0,3	-11,5	-6,9	9,8
Maranhão	4,9	-0,9	-16,9	2,1	8,5
Piauí	3,3	-3,0	-9,0	-8,4	7,9
Rio Grande do Norte	3,5	1,2	-10,3	-5,9	6,8
Amapá	-6,1	4,1	-19,4	0,4	6,2
São Paulo	0,6	-7,7	-5,1	-4,5	6,1
Minas Gerais	-1,6	-4,6	-4,3	-1,5	5,9
Paraná	1,1	-5,2	-9,9	-1,1	5,7
Paraíba	3,6	-7,9	-8,6	1,5	4,8
Ceará	7,1	-2,4	-11,6	-3,8	4,4
Sergipe	5,5	1,9	-16,3	-6,4	4,0
Bahia	5,5	-4,6	-12,2	-4,5	3,9
Mato Grosso do Sul	-0,1	-1,0	-7,7	-3,8	3,7
Rio de Janeiro	2,6	-0,8	-11,7	-2,1	2,8
Pernambuco	5,7	-2,9	-16,1	-0,6	2,0
Alagoas	7,9	-3,2	-11,6	3,7	1,7
Distrito Federal	5,4	-9,8	-14,1	-3,1	0,8
Goiás	-0,7	-8,8	-15,8	-12,3	-0,2
Brasil	2,1	-5,3	-9,4	-2,2	6,6

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Variação do Volume de Vendas do Varejo por Atividades

Após conhecer a dinâmica da variação do volume de vendas do varejo comum e ampliado do país e por estados, cabe uma análise mais detalhada pelas atividades que formam esse importante setor. A Tabela 2.11 a seguir apresenta a variação para o primeiro trimestre do volume de vendas por atividades que formam o varejo nacional entre os anos de 2014 e 2018.

Nota-se que de um total de treze atividades, dez delas registraram crescimento no ano de 2014, caindo esse número para três em 2015 e uma em 2016. Todavia, a partir de 2017, observa-se uma leve recuperação quando quatro atividades registraram variação trimestral positiva comparada ao mesmo período do ano anterior. Em 2018, foi observada uma forte ascensão desse quantitativo quando nove atividades registraram alta.

As cinco maiores altas dentro do varejo nacional foram observados nas atividades de Veículos, motocicletas, partes e peças (+17,9%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+10,9%); Hipermercados e supermercados (+6,0%); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+5,7%) e Eletrodomésticos (+5,1%).

Por outro lado, as quatro quedas foram vistas nas vendas das atividades de Livros, jornais, revistas e papelaria (-8,2%); Combustíveis e lubrificantes (-5,1%); Tecidos, vestuário e calçados (-1,6%) e Móveis (-1,5%).

Vale listar aquelas atividades do varejo nacional que registraram queda no primeiro trimestre de 2017 e recuperaram-se no primeiro trimestre de 2018: Veículos, motocicletas, partes e peças; Outros artigos de uso pessoal e doméstico; Hipermercados e supermercados; Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo; Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos e Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação. Ademais, têm-se aquelas que mantiveram crescimento em 2018 só que num patamar inferior: Eletrodomésticos; Material de construção e Móveis e eletrodomésticos. As vendas de Tecidos, vestuário e calçados, por sua vez, apresentou significativa piora. Por fim, têm-se as atividades que recuaram em 2018: Móveis; Combustíveis e lubrificantes e Livros, jornais, revistas e papelaria.

Tabela 2.11: Variação do volume de vendas por atividades – Brasil – 1º T. 2014 a 2018

Atividades	2014	2015	2016	2017	2018
Veículos, motocicletas, partes e peças	-3,7	-14,8	-13,5	-7,7	17,9
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	7,4	7,7	-12,8	-5,3	10,9
Hipermercados e supermercados	2,4	-1,2	-2,8	-2,5	6,0
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,6	-1,3	-2,8	-2,5	5,7
Eletrodomésticos	6,6	-5,0	-19,1	6,2	5,1
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	12,6	5,8	2,5	-2,9	5,0
Material de construção	7,1	-4,3	-14,8	4,3	3,7
Móveis e eletrodomésticos	6,5	-6,7	-17,0	3,0	1,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,7	16,9	-16,7	-11,2	0,8
Móveis	8,3	-10,3	-12,1	-9,9	-1,5
Tecidos, vestuário e calçados	0,4	-3,0	-13,3	4,7	-1,6
Combustíveis e lubrificantes	8,1	-4,0	-9,5	-5,5	-5,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	-3,7	-7,8	-14,9	-5,1	-8,2

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

A Tabela 2.12 apresenta a variação do volume de vendas por atividade dentro do varejo cearense. Nota-se que no primeiro trimestre de 2016 nenhuma atividade havia registrado crescimento no volume de vendas do varejo estadual. Em 2017, quatro atividades passaram a registrar alta nas vendas no varejo local. Já no primeiro trimestre de 2018 esse número cresceu para oito atividades. As cinco maiores altas foram observadas nas atividades de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+17,8%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+12,7%); Veículos, motocicletas, partes e peças (+12,6%); Móveis (+6,1%); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e

fumo (+6,0%). Por outro lado, as baixas nas vendas foram observadas nas atividades de Livros, jornais, revistas e papeleria (-11,4%); Material de construção (-8,1%); Combustíveis e lubrificantes (-6,7%) e Tecidos, vestuário e calçados (-3,6%).

Tabela 2.12: Variação do volume de vendas por atividades – Ceará – 1º T. 2014 a 2018

Atividades	2014	2015	2016	2017	2018
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	23,8	-25,1	-23,6	18,2	17,8
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	21,8	5,4	-15,4	1,2	12,7
Veículos, motocicletas, partes e peças	3,9	-7,5	-21,2	-3,0	12,6
Móveis	23,1	3,0	-4,6	-33,0	6,1
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	3,3	-4,4	-2,1	-4,8	6,0
Hipermercados e supermercados	3,7	-4,2	-1,3	-11,4	5,8
Móveis e eletrodomésticos	17,7	-1,7	-14,2	-22,7	2,5
Eletrodomésticos	13,7	-4,5	-20,2	-16,0	1,5
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	2,5	10,5	-0,4	6,5	0,0
Tecidos, vestuário e calçados	12,0	7,4	-0,9	-1,2	-3,6
Combustíveis e lubrificantes	13,0	-1,1	-5,4	-21,5	-6,7
Material de construção	4,4	6,6	-26,0	19,7	-8,1
Livros, jornais, revistas e papeleria	-1,5	-13,5	-28,3	-29,2	-11,4

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

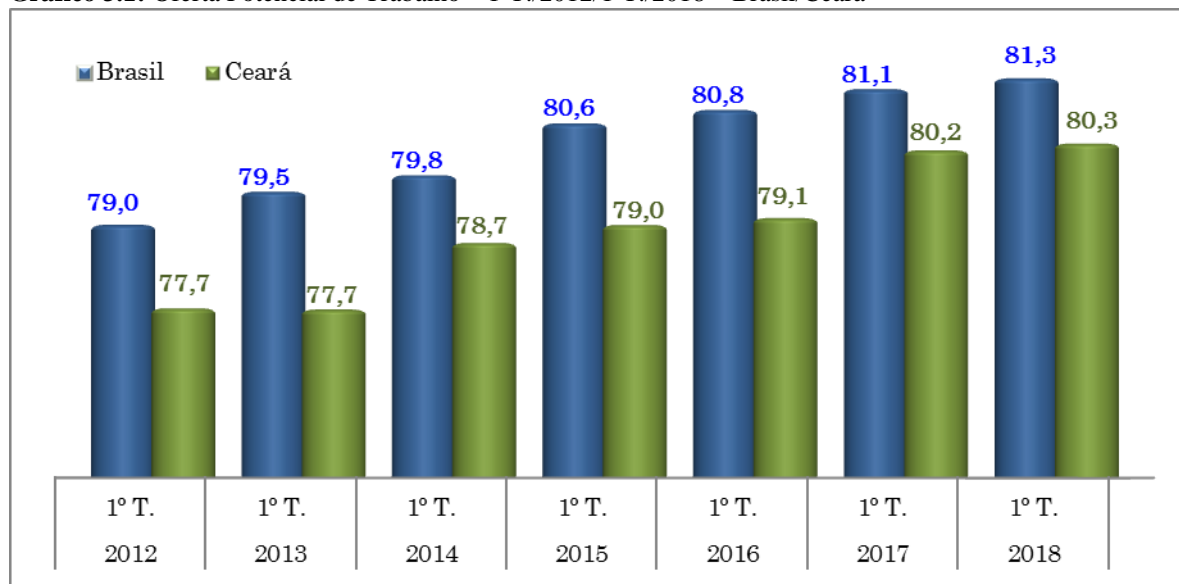
3 MERCADO DE TRABALHO

3.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará

Esta seção descreve o Mercado de Trabalho do Ceará a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dados do Gráfico 3.1 descreve que a Oferta Potencial de Trabalho do Estado do Ceará encontra-se na etapa do Bônus Demográfico na medida em que a População em Idade de Trabalhar (PIT) expande-se mais velozmente que a População Total (PT). Como pode ser observado, a Oferta Potencial de Trabalho (PIT/PT) pode ser afetada tanto pela População em Idade de Trabalhar (PIT) como pela População Total (PT).

Gráfico 3.1: Oferta Potencial de Trabalho – 1ºT./2012/1ºT./2018 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

Do primeiro trimestre de 2017 ao primeiro trimestre de 2018 a Oferta Potencial de Trabalho do Ceará permaneceu praticamente estável (crescimento de 0,1 ponto percentual (p.p.)). Adicionalmente, a Oferta Potencial de Trabalho do Brasil é maior que a do Ceará em razão da PIT nacional ser maior que sua PT em termos proporcionais (mais adultos e menos crianças resulta em Oferta de Trabalho maior). Isso ocorre por conta do Bônus Demográfico tendo a Força de Trabalho se expandindo mais velozmente que a População.

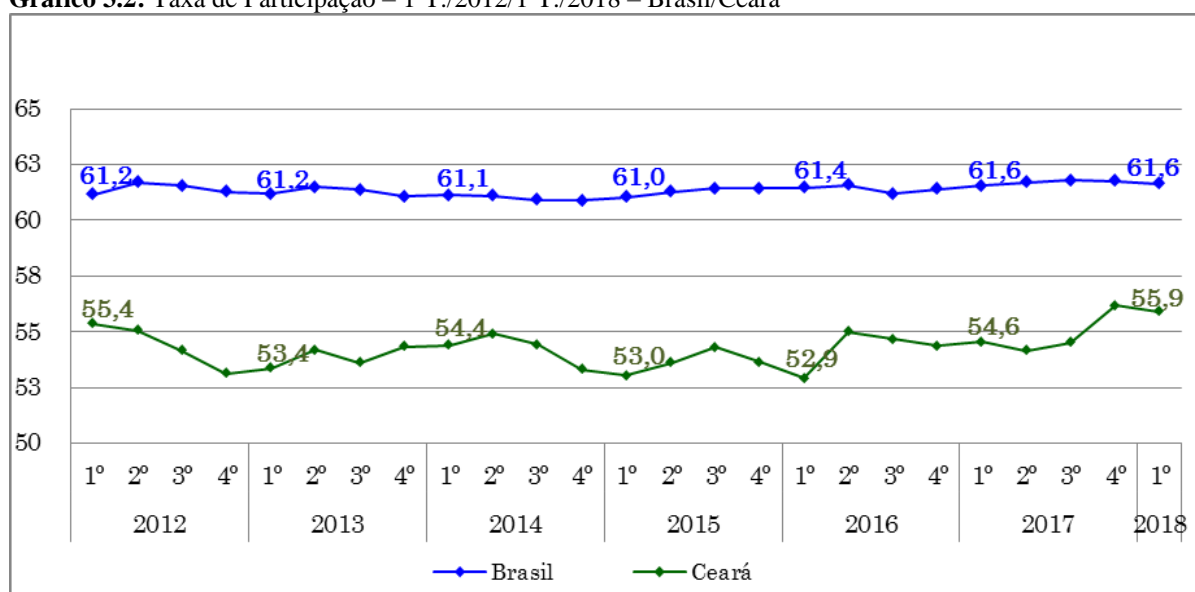
Destaca-se, também, que no primeiro trimestre de 2018 a Oferta Potencial de Trabalho nacional esteve 1,0 p.p. acima da Oferta Potencial de Trabalho do Estado do Ceará. No primeiro trimestre de 2012 essa diferença era de 1,3 p.p.

O Gráfico 3.2 apresenta a Taxa de Participação (TP), também denominada de Taxa de Atividade, variável que mede a Efetiva Oferta de Trabalho em relação ao contingente populacional que está apto a trabalhar – dada pela razão entre a Força de Trabalho (FT) e a População em Idade de Trabalhar (PIT).

Após atingir a mínima de 52,9% no primeiro trimestre de 2016, no primeiro trimestre de 2018 a Taxa de Participação cearense atingiu seu maior valor (55,9%) desde do início da série em 2012.

Por sua vez, a Taxa de Participação do Brasil ainda encontra-se 5,7 p.p. acima da Taxa de Participação do Ceará neste primeiro trimestre de 2018. Como visto acima, em razão de um efeito eminentemente demográfico, 1,0 p.p. dessa diferença é explicada por uma menor Oferta Potencial de Trabalho. Os restantes 4,7 p.p. podem ser explicados por questões relacionadas às especificidades do Mercado de Trabalho cearense ou mesmo diferenças de comportamento por conta de incentivos que levem trabalhadores a deixarem a condição de Atividade e ficarem na condição de não atividade.

Gráfico 3.2: Taxa de Participação – 1ºT./2012/1ºT./2018 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

Finalmente, o Gráfico 3.3 apresenta a Taxa de Desocupação (TD). É um indicador que mede uma pressão direta sobre o Mercado de Trabalho de pessoas sem trabalho, que foram a busca e estão disponíveis para começar a trabalhar imediatamente.

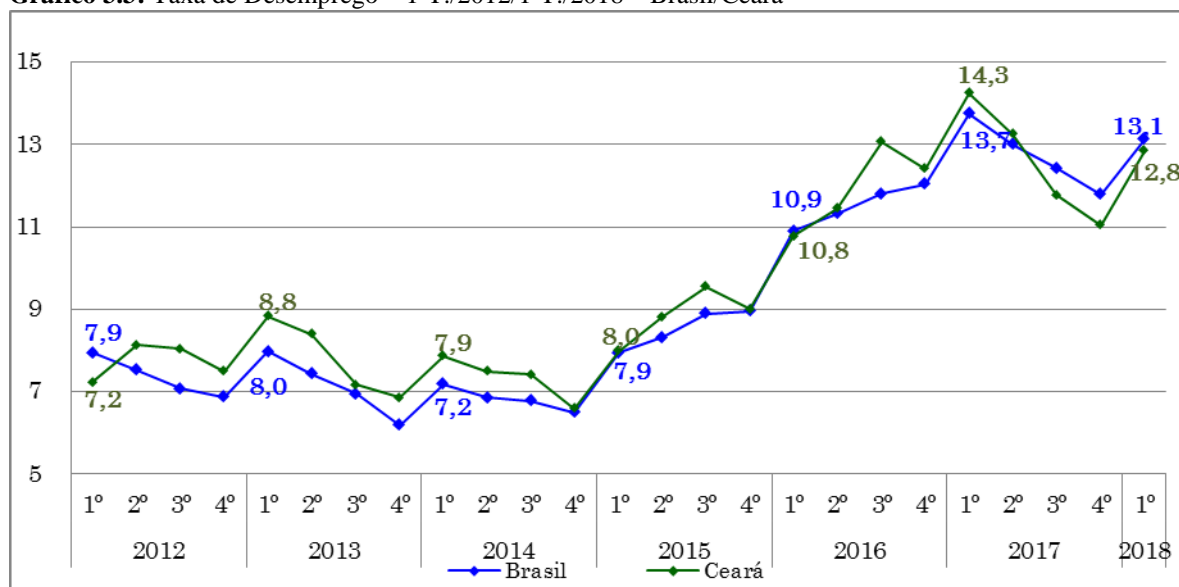
Após ter atingido a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil seguiram uma tendência declinante ao longo de 2017, principalmente no estado. No entanto, neste primeiro trimestre de 2018 o desemprego no

Ceará, em razão de fatores sazonais, voltou a subir, atingindo 12,8%, representando, por sua vez, um recuo de 1,5 p.p. com relação à máxima atingida de 14,3% no primeiro trimestre de 2017.

É importante também observar que o desemprego ainda encontra-se em patamares elevados. Por outro lado, o influxo de pessoas de Fora da Força de Trabalho para dentro da Força de Trabalho tem pressionado a Taxa de Desocupação não permitindo, assim, uma queda mais intensa do desemprego no estado.

Neste contexto, pode-se destacar a maior entrada de pessoas na Força de Trabalho seguindo na mesma direção da recuperação cíclica da economia que vem ocorrendo desde o primeiro trimestre do ano passado.

Gráfico 3.3: Taxa de Desemprego – 1ºT./2012/1ºT./2018 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

3.2. Emprego Formal

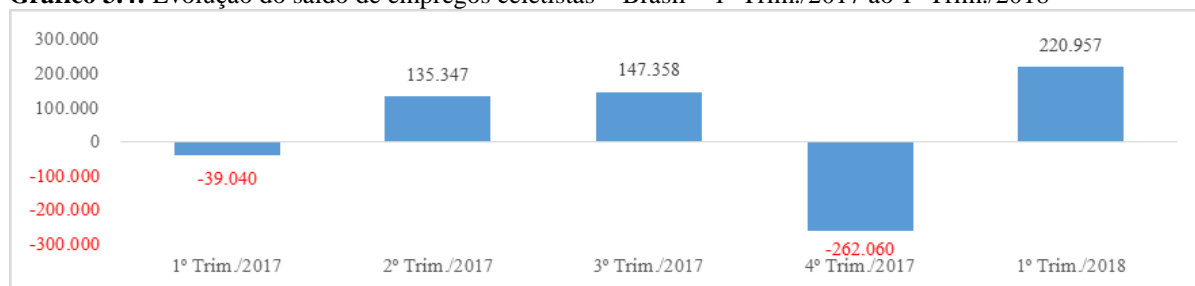
Pela análise dos dados divulgados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho é possível conhecer a dinâmica do emprego no país por estados e por diferentes atividades.

O Gráfico 3.4 a seguir apresenta a evolução do saldo de empregos celetistas trimestrais ao longo do ano de 2017 e início de 2018 para o país. O Brasil iniciou o ano de 2017 com uma destruição de 39.040 postos de trabalho com carteira assinada, recuperando-se logo em seguida ao registrar sucessivos saldos positivos no segundo (135.347 vagas) e terceiro trimestres (147.358 vagas). Todavia, voltou a destruir 262.060 vagas no quarto trimestre

como já era esperado por motivos da sazonalidade do período, finalizando o ano com saldo negativo de 18.395 vagas.

Em 2018, o país inicia o ano apresentando criação significativa de postos de trabalho celetista num total de 220.957 vagas, revelando sinais de recuperação da atividade econômica frente ao registrado em igual período do ano passado.

Gráfico 3.4: Evolução do saldo de empregos celetistas – Brasil – 1º Trim./2017 ao 1º Trim./2018



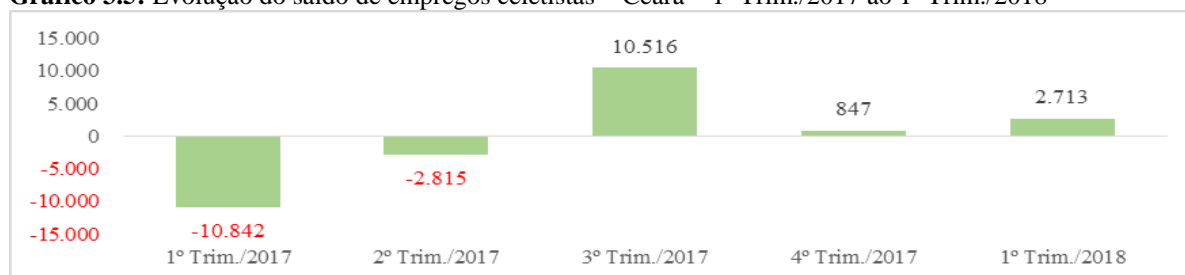
Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo.

Pela análise do Gráfico 3.5 nota-se que o mercado de trabalho formal cearense registrou um comportamento levemente diferente do nacional resultado de diferenças na estrutura produtiva. O estado iniciou o ano de 2017 também com destruição de postos de trabalho (-10.842 vagas). O segundo trimestre também registrou perda de empregos num total de 2.815 vagas acentuando ainda mais a crise vivida no mercado de trabalho local.

Apenas no terceiro trimestre de 2017 é que o estado passou a apresentar um saldo positivo de empregos num total de 10.516 vagas, repetindo esse resultado mas num patamar inferior no quarto trimestre do ano com um total de 847 vagas. Todavia, esses dois resultados positivos não foram o suficiente para reverter a grande perda de vagas observadas nos dois primeiros trimestres do ano 2017, quando o estado também finalizou o ano com saldo negativo de 2.294 vagas.

Em 2018, tem-se algo não tão comum e nem esperado para o período que é a geração de vagas de emprego. Nesse caso, o estado do Ceará conseguiu criar 2.713 vagas de trabalho com carteira assinada, reflexo do saldo positivo de empregos em janeiro.

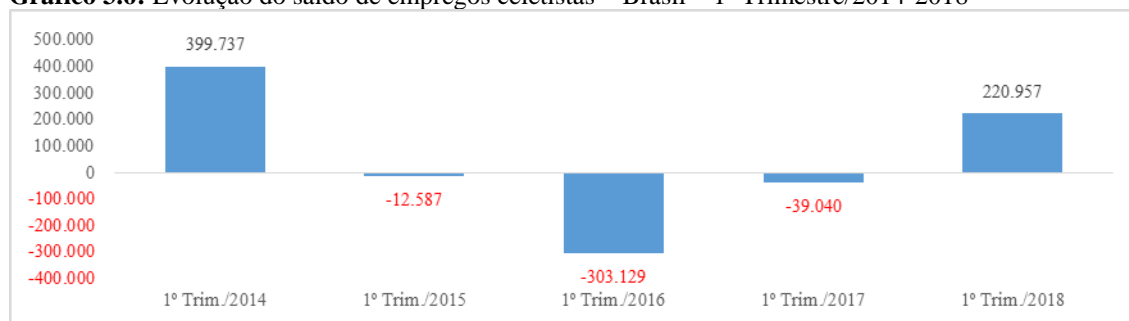
Gráfico 3.5: Evolução do saldo de empregos celetistas – Ceará – 1º Trim./2017 ao 1º Trim./2018



Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo.

O Gráfico 3.6 abaixo apresenta a evolução do saldo de empregos celetista para o país referente apenas ao período do primeiro trimestre dos últimos cinco anos. Nota-se que no primeiro trimestre de 2014, o país registrou saldo positivo de empregos de 399.737 vagas como já era esperado; todavia, nos três anos seguintes o país passou a destruir vagas no período refletindo os efeitos da crise macroeconômica vivido no período afetando em boa parte a lógica de geração de empregos. Em 2018, o Brasil voltou a apresentar saldo positivo de empregos formais num total de 220.957 vagas, revertendo completamente o quadro de crise instalado até 2017, mas ainda não alcançando o patamar observado cinco anos antes.

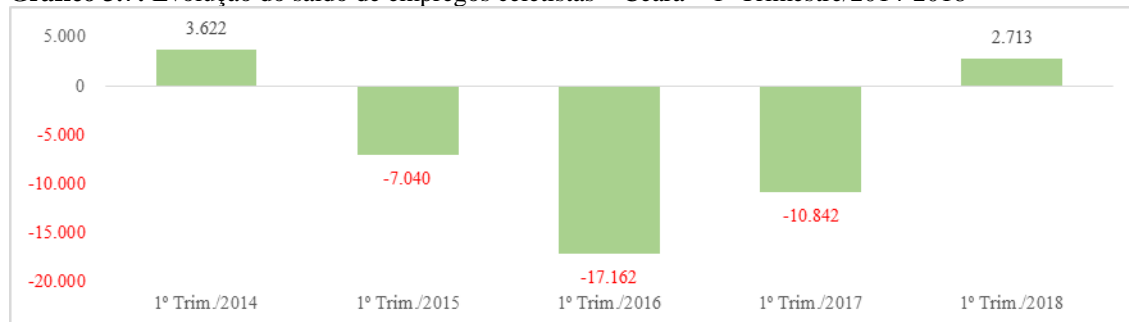
Gráfico 3.6: Evolução do saldo de empregos celetistas – Brasil – 1º Trimestre/2014-2018



Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo.

Por sua vez, o Gráfico 3.7 apresenta igualmente a evolução do saldo de empregos celetistas cearense para o período do primeiro trimestre nos últimos cinco anos. Em 2014, o Ceará também havia criado empregos com carteira assinada, passando a registrar, por três anos seguidos, saldos negativos de empregos cujo pior resultado foi observado em 2016. Em 2018, o estado do Ceará também reagiu ao período de crise passando a criar 2.713 vagas de trabalho com carteira assinada.

Gráfico 3.7: Evolução do saldo de empregos celetistas – Ceará – 1º Trimestre/2014-2018



Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo.

Evolução do Saldo de Empregos Celetistas no Contexto Nacional

Pela análise da Tabela 3.1 é possível conhecer a evolução trimestral do saldo de empregos formais em todos os estados brasileiros para todo o ano de 2017 e início de 2018. No primeiro trimestre de 2017, apenas onze estados registraram saldo positivo de empregos com carteira assinada.

Os cinco maiores saldos positivos foram observados nos estados do Rio Grande do Sul (+25.482 vagas); Santa Catarina (+22.581 vagas); Goiás (+19.766 vagas); Paraná (+17.617 vagas) e São Paulo (+13.721 vagas). Já os cinco maiores saldos negativos foram observados nos estados do Rio de Janeiro (-52.305 vagas); Pernambuco (-31.932 vagas); Alagoas (-28.350 vagas); Ceará (-10.842 vagas) e Paraíba (-9.121 vagas).

O número de estados com saldo positivo de empregos aumentou para 18 estados no segundo trimestre e 21 estados no terceiro trimestre, mas encerrou o ano de 2017 com apenas oito estados com saldo positivos de empregos.

Todavia, no primeiro trimestre de 2018 o número de estados com saldo positivos de empregos voltou a subir para um total de 17 estados, quantidade superior àquela observada no início de 2017.

Os cinco maiores saldos positivos de empregos foram observados nos estados de São Paulo (+86.161 vagas); Rio Grande do Sul (+44.176 vagas); Santa Catarina (+36.425 vagas); Minas Gerais (+34.278 vagas) e Paraná (+27.503 vagas).

O estado do Ceará ocupou a décima segunda colocação no ranking nacional com um saldo positivo de empregos de 2.713 vagas. Vale ressaltar que no terceiro e quarto trimestres de 2017 o referido estado ocupou a quinta posição dentre os que mais geraram empregos formais no país.

Por outro lado, têm-se os maiores saldos negativos de empregos formais para o primeiro trimestre de 2018, Alagoas (-22.047 vagas); Pernambuco (-20.908 vagas); Rio de Janeiro (-10.962 vagas); Paraíba (-6.101 vagas) e Rio Grande do Norte (-4.746 vagas). O desempenho negativo observado em grande parte desses estados é explicado também por fatores sazonais.

Tabela 3.1: Evolução do saldo de empregos celetistas – Brasil e Estados – 1º T. 2017 ao 1º T. 2018

Estados	1º Trim./2017	Rank.	2º Trim./2017	Rank.	3º Trim./2017	Rank.	4º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.
São Paulo	13.721	5	55.746	2	49.100	1	-126.557	27	86.161	1
Rio Grande do Sul	25.482	1	-24.727	27	-2.451	24	-7.198	18	44.176	2
Santa Catarina	22.581	2	171	18	15.104	3	-8.694	19	36.425	3
Minas Gerais	12.037	6	56.748	1	-9.818	26	-35.766	26	34.278	4
Paraná	17.617	4	6.664	7	6.929	7	-18.027	24	27.503	5
Goiás	19.766	3	22.254	3	5.940	12	-21.396	25	19.191	6
Mato Grosso	9.608	7	9.837	5	12.305	4	-15.474	22	12.856	7
Bahia	-5.252	20	10.925	4	6.491	11	-12.451	21	11.581	8
Espírito Santo	-1.683	15	7.393	6	-3.909	25	-3.657	16	6.616	9
Distrito Federal	704	10	-634	20	4.632	15	-3.512	15	5.658	10
Mato Grosso do Sul	5.797	8	198	17	-2.308	23	-8.749	20	5.110	11
Ceará	-10.842	24	-2.815	24	10.516	5	847	5	2.713	12
Rondônia	-1.765	16	1.081	12	3.458	16	-905	12	666	13
Tocantins	893	9	1.616	11	2.405	17	-1.066	13	641	14
Maranhão	-5.108	19	2.936	8	4.725	13	-572	9	447	15
Piauí	-401	13	2.610	10	2.269	18	82	7	444	16
Amapá	-259	12	619	15	333	21	-655	10	334	17
Roraima	532	11	724	14	1.253	19	117	6	-46	18
Amazonas	-3.735	18	-1.032	21	4.648	14	1.829	3	-157	19
Acre	-511	14	581	16	868	20	-761	11	-1.037	20
Sergipe	-6.326	21	978	13	-180	22	4.556	2	-3.846	21
Para	-6.935	22	-1.534	23	6.538	9	-4.747	17	-3.993	22
Rio Grande do Norte	-3.253	17	-224	19	6.517	10	-2.329	14	-4.746	23
Paraíba	-9.121	23	-1.056	22	6.768	8	42	8	-6.101	24
Rio de Janeiro	-52.305	27	-11.928	26	-12.942	27	-15.510	23	-10.962	25
Pernambuco	-31.932	26	2.661	9	21.033	2	1.375	4	-20.908	26
Alagoas	-28.350	25	-4.445	25	7.134	6	17.118	1	-22.047	27
Brasil	-39.040	---	135.347	---	147.358	---	-262.060	---	220.957	---

Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo.

A Tabela 3.2, por sua vez, apresenta a evolução do saldo de empregos celetistas para o Brasil e todos os vinte e sete estados referente ao primeiro trimestre dos últimos cinco anos. No 1º trimestre de 2014, um total de vinte estados criaram empregos com carteira assinada, com o Ceará tendo ocupado a décima quarta posição no ranking nacional na geração de empregos formais nesse período. Nos anos seguintes, o número de estados a registrar saldo positivos de empregos caiu significativamente, em 2015 (10 estados), 2016 (7 estados) e 2017 (11 estados), refletindo o processo de intensificação da crise macroeconômica, quando mesmo em estados que é esperado a criação de empregos para o referido período foram observadas destruição de vagas.

Em 2018, o número de estados com saldo positivos de empregos aumentou para dezessete estados, refletindo, em boa parte, uma recuperação da crise vivida no mercado de trabalho até então, quando estados como São Paulo e Minas Gerais registraram forte criação de vagas de trabalho para o referido período. O estado do Ceará ocupou nesse período a décima segunda colocação dentre os estados que mais criaram vagas no país.

Nota-se que o aumento do número de estados criando empregos não foi o suficiente para alcançar o nível de geração de empregos observado cinco anos atrás, revelando que apesar da reversão do quadro de destruição de vagas observada até o primeiro trimestre de 2017, a crise na economia e em especial no mercado de trabalho ainda não foi totalmente

superada. Ou seja, no grupo dos dezessete estados que tiveram saldos positivos de empregos no primeiro trimestre de 2018, apenas quatro deles registraram saldo de empregos superior aquele observado no primeiro trimestre de 2014 (Espírito Santo, Rondônia, Maranhão e Amapá). O Ceará, apesar da recuperação observada, registrou saldo positivo de empregos ainda inferior aquele observado em 2014.

Tabela 3.2: Evolução do saldo de empregos celetistas – Brasil e Estados – 1º Trimestre/2014-2018

Estados	1º Trim./2014	Rank.	1º Trim./2015	Rank.	1º Trim./2016	Rank.	1º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.
São Paulo	129.430	1	17.410	4	-77.183	27	13.721	5	86.161	1
Rio Grande do Sul	51.178	3	25.601	3	19.572	1	25.482	1	44.176	2
Santa Catarina	55.476	2	32.126	1	8.534	2	22.581	2	36.425	3
Minas Gerais	42.282	5	-9.938	25	-24.835	24	12.037	6	34.278	4
Paraná	46.338	4	26.592	2	-4.901	11	17.617	4	27.503	5
Goiás	25.509	6	16.402	5	7.827	4	19.766	3	19.191	6
Mato Grosso	15.477	8	10.938	6	8.186	3	9.608	7	12.856	7
Bahia	17.883	7	-5.835	21	-11.579	21	-5.252	20	11.581	8
Espírito Santo	4.230	12	-5.271	20	-10.393	18	-1.683	15	6.616	9
Distrito Federal	9.756	9	-267	12	-5.836	12	704	10	5.658	10
Mato Grosso do Sul	8.000	10	1.411	8	1.866	5	5.797	8	5.110	11
Ceará	3.622	14	-7.040	24	-17.162	22	-10.842	24	2.713	12
Rondônia	-398	22	-3.537	16	-2.554	10	-1.765	16	666	13
Tocantins	3.470	15	1.606	7	404	7	893	9	641	14
Maranhão	-4.806	25	-6.498	22	-10.606	19	-5.108	19	447	15
Piauí	3.641	13	606	9	-7.115	13	-401	13	444	16
Amapá	-1.884	24	-2.425	15	-1.810	9	-259	12	334	17
Roraima	809	19	-255	11	561	6	532	11	-46	18
Amazonas	-838	23	-4.236	17	-11.063	20	-3.735	18	-157	19
Acre	45	20	-1.541	13	-1.204	8	-511	14	-1.037	20
Sergipe	2.263	16	283	10	-8.425	14	-6.326	21	-3.846	21
Para	1.706	17	-5.059	19	-9.254	15	-6.935	22	-3.993	22
Rio Grande do Norte	1.604	18	-4.267	18	-9.621	16	-3.253	17	-4.746	23
Paraíba	-199	21	-6.879	23	-9.714	17	-9.121	23	-6.101	24
Rio de Janeiro	7.536	11	-46.627	27	-63.237	26	-52.305	27	-10.962	25
Pernambuco	-9.061	26	-33.957	26	-40.153	25	-31.932	26	-20.908	26
Alagoas	-13.332	27	-1.930	14	-23.434	23	-28.350	25	-22.047	27
Total	399.737	---	-12.587	---	-303.129	---	-39.040	---	220.957	---

Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo.

Evolução do Saldo de Empregos Celetistas por Atividades

Após conhecer a dinâmica do saldo de empregos em todo o país, faz-se necessário uma análise mais desagregada por atividades. A Tabela 3.3 apresenta a evolução do saldo trimestral de empregos celetistas brasileiro ao longo do ano de 2017 e início de 2018.

No primeiro trimestre de 2017, cinco atividades registraram saldo positivos de empregos e outras três saldo negativo de empregos com carteira assinada. O saldo negativo de empregos observado no país no primeiro trimestre de 2017 é explicado pela destruição de vagas ocorrida nos setores de Comércio (-113.747 vagas), Construção Civil (-18.445 vagas) e na Indústria Extrativa Mineral (-1.025 vagas).

Já no primeiro trimestre de 2018, têm-se seis atividades com saldo positivo de empregos e outras duas com saldo negativo de empregos. A atividade que registrou o maior saldo positivo de empregos no país foi Serviços (+184.679 vagas), seguida pela Indústria de Transformação (+77.261

vagas) e pela Construção Civil (+22.930 vagas), revelando recuperação dessas atividades o que influenciou bastante para obtenção de um saldo positivo de empregos no país nesse período. Apenas as atividades de Comércio (-75.482 vagas) e Agropecuária (-4.151 vagas) registraram destruição de vagas.

Tabela 3.3: Evolução do saldo de empregos celetistas – Brasil – 1º T.2017 ao 1º T.2018

Atividades	1º Trim./2017	Rank.	2º Trim./2017	Rank.	3º Trim./2017	Rank.	4º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.
Extrativa mineral	-1.025	6	-344	6	-390	5	-4.177	3	330	6
Indústria de transformação	20.380	2	9.220	3	56.001	1	-107.376	8	77.261	2
Serviços Industr de Utilidade	1.486	5	-7	5	-2.526	7	-3.106	2	2.508	5
Construção Civil	-18.445	7	-12.345	8	8.266	4	-81.125	6	22.930	3
Comércio	-113.747	8	-3.858	7	43.036	3	117.092	1	-75.842	8
Serviços	42.639	1	32.052	2	54.462	2	-90.391	7	184.679	1
Administração Pública	13.770	4	4.850	4	-453	6	-19.276	4	13.242	4
Agropecuária, extr vegetal, ca	15.902	3	105.779	1	-11.038	8	-73.701	5	-4.151	7
Brasil	-39.040	---	135.347	---	147.358	---	-262.060	---	220.957	---

Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo.

A Tabela 3.4 apresenta a evolução do saldo trimestral de empregos celetistas cearenses também para o ano de 2017 e início do ano de 2018. Diferente do ocorrido no início de 2017, quando apenas a Administração pública havia criado empregos, no primeiro trimestre de 2018, cinco atividades apresentaram saldos positivos de empregos no mercado de trabalho local. A Indústria de transformação foi a que mais criou postos de trabalho na economia cearense num total de 4.291 vagas, seguido pelos Serviços (+2.809 vagas) que contribuiu bastante para um saldo positivo observado para o estado.

Tabela 3.4: Evolução do saldo de empregos celetistas – Ceará – 1º Trim./2017 ao 1º Trim./2018

Atividades	1º Trim./2017	Rank.	2º Trim./2017	Rank.	3º Trim./2017	Rank.	4º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.
Extrativa mineral	-165	3	-32	5	-5	8	-115	5	67	5
Indústria de transformação	-1.350	5	-1.784	8	1.658	3	-2.317	8	4.291	1
Serviços Industr de Utilidade	-85	2	231	2	347	6	-2	3	73	4
Construção Civil	-1.140	4	54	4	631	5	-1.773	7	-104	6
Comércio	-5.380	8	-1.036	7	1.560	4	5.251	1	-3.469	8
Serviços	-1.360	6	-696	6	3.722	1	1.371	2	2.809	2
Administração Pública	243	1	141	3	148	7	-31	4	218	3
Agropecuária, extr vegetal, ca	-1.605	7	307	1	2.455	2	-1.537	6	-1.172	7
Ceará	-10.842	---	-2.815	---	10.516	---	847	---	2.713	---

Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo.

4 COMÉRCIO EXTERIOR

As exportações do Ceará no primeiro trimestre de 2018 totalizaram US\$ 488,9 milhões, expressando uma redução de 6,75% em relação ao mesmo período de 2017. As importações cearenses, por sua vez, totalizaram o valor de US\$ 612,3 milhões apresentando um aumento de 5,2%, comparada também ao mesmo período do ano anterior. Com esse desempenho, o saldo da balança comercial cearense totalizou déficit de US\$ 123,4 milhões, maior que o observado no mesmo período de 2017 (-US\$ 57,6 milhões).

Esse movimento das exportações e importações levou a corrente de comércio exterior do Ceará nos três primeiros meses do ano somar o valor de US\$ 1,1 bilhão, com queda de 0,45% em relação ao mesmo período de 2017 (Gráfico 4.1).

Gráfico 4.1: Balança Comercial Cearense (US\$ milhão – FOB) – 1º T. 2017-2018



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

As exportações brasileiras somaram US\$ 54,37 bilhões no primeiro trimestre de 2018, registrando crescimento de 7,76%, comparado ao igual período de 2017. Com relação às importações o Brasil registrou um dispêndio de US\$ 40,42 bilhões, valor superior ao verificado para o mesmo período do ano passado (US\$ 36,05 bilhões).

No panorama nacional, o Ceará classificou-se como o décimo sexto estado exportador do Brasil, apresentando uma participação de 0,9% do total nacional no primeiro trimestre de 2018, confirmando um desempenho inferior nesse período comparado com o primeiro trimestre de 2017, quando o Ceará ocupava a décima quinta posição, participando com um pouco mais de 1% na pauta de exportação nacional. Por outro lado, permanece na décima terceira posição com relação às importações, participando com 1,5% do total. No cenário regional, o Estado ocupou o quarto lugar, contribuindo com 12,3% do total exportado pelo

Nordeste no primeiro trimestre de 2018, sendo superado apenas pelos estados da Bahia (1º), Maranhão (2º) e Pernambuco (3º). Com relação às importações, o Ceará permaneceu em quarto lugar ficando atrás do Pernambuco (1º), Bahia (2º) e Maranhão (3º).

Exportações

A pauta de exportação cearense, no primeiro trimestre de 2018, manteve-se liderada pelas vendas de produtos metalúrgicos, que representou 52,7% do total exportado pelo estado, totalizando o valor de US\$ 257,6 milhões. Porém, houve uma queda na exportação desse setor (-9,4%), quando comparada ao primeiro trimestre de 2017 em virtude da redução de vendas para Turquia e Coreia do Sul. Calçados e suas partes ocuparam o segundo lugar, gerando uma receita de aproximadamente US\$ 71,6 milhões e uma participação de 14,6% do total da pauta de vendas nesse primeiro trimestre de 2018. No entanto, houve uma queda de 3,7% na venda desse segmento comparada ao mesmo período do ano anterior. Castanha de caju subiu de posição e ocupou o terceiro lugar na pauta. A exportação desse produto cresceu 6,19% em relação ao mesmo período de 2017, atingindo o valor de US\$ 26,49 milhões e participação de 5,42% do total exportado pelo Ceará no primeiro trimestre do ano. Destaca-se o crescimento do valor exportado de frutas (709,6%), influenciado principalmente pelo aumento das exportações de melão, têxteis (15,2%) e máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes (13,5%). (Tabela 4.1).

Tabela 4.1: Principais produtos/setores exportados – 1ºT. – Ceará - 2017-2018 (US\$ FOB)

Descrição dos produtos/setores	1º T. 2017		1º T. 2018		Var % 2018/2017
	US\$	Part. %	US\$	Part. %	
Produtos Metalúrgicos	284.462.510	54,25	257.660.880	52,70	-9,42
Calçados e suas partes	74.338.836	14,18	71.578.107	14,64	-3,71
Castanha de caju	24.949.719	4,76	26.494.890	5,42	6,19
Frutas	3.103.303	0,59	25.126.054	5,14	709,66
Produtos Ind. de Alim. e Beb.	21.228.344	4,05	23.507.509	4,81	10,74
Couros e Peles	35.067.613	6,69	18.740.700	3,83	-46,56
Ceras Vegetais	15.424.127	2,94	14.329.943	2,93	-7,09
Têxteis	7.558.305	1,44	8.708.052	1,78	15,21
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes	6.227.019	1,19	7.069.330	1,45	13,53
Combustíveis minerais	25.086.902	4,78	5.026.282	1,03	-79,96
<i>Principais Produtos</i>	497.446.678	94,87	458.241.747	93,72	-7,88
<i>Demais produtos</i>	26.923.673	5,13	30.708.363	6,28	14,06
Ceará	524.370.351	100,00	488.950.110	100,00	-6,75

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Destinos

Os três principais destinos que se destacaram por sua representatividade nas exportações cearenses, no primeiro trimestre de 2018, foram os Estados Unidos, Alemanha e Turquia.

Os Estados Unidos continuam como principal país comprador dos produtos cearenses, participando com 27,6%. As exportações para os EUA cresceram 16,5% no primeiro trimestre de 2018, comparado com o mesmo período de 2017, totalizando o valor de US\$ 134,8 milhões. Os principais produtos vendidos pelo Ceará para esse país foram *produtos metalúrgicos, alimentos e bebidas, castanha de caju e calçados e suas partes*, juntos esses quatro setores e produtos representaram 80% de tudo que foi exportado para esse país.

Em segundo lugar vem à Alemanha, apresentando crescimento de 279%, quando comparado ao primeiro trimestre do ano anterior, alcançando o valor de US\$ 46,7 milhões. Esse aumento foi influenciado basicamente pelas exportações de produtos semimanufaturados de ferro ou aço. Também contribuíram as receitas provenientes das vendas de *ferro fundido, ceras vegetais, castanha de caju, calçados e suas partes e mel natural*.

Ocupando o terceiro lugar nas exportações cearenses, a Turquia apresentou queda de 18,7% em suas compras em relação ao mesmo período do ano passado, importando do Ceará o equivalente a US\$ 44,2 milhões, com destaque para *produtos semimanufaturados de ferro ou aço e calçados e suas partes*.

É importante apontar o acentuado crescimento das exportações para vários mercados consumidores, como a Polônia (+677,2 %), Holanda (+163,6%), Reino Unido (+119,2%) e China (+ 84%).

Tabela 4.2: Principais Destinos das Exportações do Ceará (US\$ FOB) – 1º T. 2017-2018

Principais países	1º T. 2017		1º T. 2018		Var % 2018/2017
	US\$	Part. %	US\$	Part. %	
Estados Unidos	115.690.705	22,06	134.838.741	27,58	16,55
Alemanha	12.320.568	2,35	46.736.883	9,56	279,34
Turquia	54.433.631	10,38	44.229.017	9,05	-18,75
Argentina	27.214.335	5,19	30.569.965	6,25	12,33
Coreia do Sul	29.278.390	5,58	25.095.541	5,13	-14,29
México	58.365.658	11,13	24.942.207	5,10	-57,27
Reino Unido	8.733.948	1,67	19.149.500	3,92	119,25
Países Baixos (Holanda)	6.975.132	1,33	18.385.723	3,76	163,59
Polônia	1.787.864	0,34	13.895.607	2,84	677,22
China	7.212.690	1,38	13.273.964	2,71	84,04
<i>Principais países</i>	322.012.921	61,41	371.117.148	75,90	15,25
<i>Demais países</i>	202.357.430	38,59	117.832.962	24,10	-41,77
Total	524.370.351	100,00	488.950.110	100,00	-6,75

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Importações

No rol das importações cearenses no primeiro trimestre de 2018, quatro produtos se destacaram pela sua relevância: combustíveis minerais, produtos da indústria química, cereais e reatores nucleares, tendo juntos 71,7% das importações do estado. (Tabela 4.3).

O Ceará importou mais combustíveis minerais no primeiro trimestre de 2018, registrando crescimento de 19,5%, em comparação ao mesmo período de 2017. Esse segmento representou 48,8% do total da importação do estado. Esse setor foi representado principalmente pelas compras de *Gás Natural Liquefeito* e *hulhas betuminosas*. O grupo de produtos da indústria química foi o segundo colocado nas importações do estado, com valor de US\$ 59,7 milhões, representando 9,7% do total das importações nesse período, com crescimento de 40,6% em relação ao primeiro trimestre de 2017. As importações de cereais ficaram em terceiro lugar, com valor de US\$ 41,9 milhões, porém registrou queda de 25% nas suas importações em relação ao mesmo período de 2017. Dos principais produtos da pauta de importação, o que apresentou maior crescimento em relação aos três primeiros meses de 2017 foram *Papel e cartão*, com crescimento de 180%. O segmento que apresentou maior queda nas importações, em relação ao mesmo período de 2017, foram produtos têxteis (-41,8%).

Tabela 4.3: Principais Produtos Importados do Ceará (US\$ FOB) – 1º T. 2017-2018

Principais produtos/setores	1º T. 2017		1º T. 2018		Var (%) 2018/2017
	US\$	Part. %	US\$	Part. %	
Combustíveis minerais e outros derivados	250.342.725	43,02	299.072.006	48,84	19,47
Produtos Ind. Química	42.475.866	7,30	59.719.404	9,75	40,60
Cereais	55.970.998	9,62	41.929.932	6,85	-25,09
Reatores nucleares, máquinas e suas partes	44.389.430	7,63	38.447.431	6,28	-13,39
Produtos Metalúrgicos	34.443.045	5,92	32.125.088	5,25	-6,73
Máquinas, materiais elétricos e suas partes	28.668.955	4,93	30.501.493	4,98	6,39
Têxteis	47.585.651	8,18	27.706.310	4,52	-41,78
Plásticos, Borrachas e suas obras	16.615.822	2,86	20.889.050	3,41	25,72
Obras de pedra, gesso e matérias semelhantes	5.437.314	0,93	5.850.278	0,96	7,60
Papel e cartão	1.805.028	0,31	5.057.972	0,83	180,22
<i>Principais produtos</i>	527.734.834	90,68	561.298.964	91,66	6,36
<i>Demais produtos</i>	54.228.031	9,32	51.052.415	8,34	-5,86
Ceará	581.962.865	100,00	612.351.379	100,00	5,22

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE

Origens

No primeiro trimestre de 2018, a China foi o país do qual o Ceará mais importou, registrando o montante de US\$ 93,8 milhões, respondendo por 15,3% do total importado. Desse país foram adquiridos principalmente: *Glifosato e seu sal de monoisopropilamina; Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado e calçados*.

Da Colômbia, segundo maior fornecedor de produtos estrangeiros, o Ceará comprou o valor de US\$ 90,3 milhões, respondendo por 14,75% das importações do estado. Os principais produtos importados desse país foram *Hulha betuminosa* e *Óleo de dendê*.

Os Estados Unidos foi o terceiro país de onde o Ceará mais importou, correspondendo à quantia de US\$ 85,8 milhões, ou seja, 14% da pauta importadora cearense. Registrou-se um aumento de 5% dos produtos oriundos dos EUA no primeiro trimestre de 2018 em relação ao primeiro trimestre 2017. Desse país, os principais produtos adquiridos foram *Combustíveis minerais*.

Trinidad e Tobago foi o quarto país do qual o Ceará mais importou nos três primeiros meses de 2018 (US\$ 70,3 milhões), respondendo por 11,5% das importações do estado, no mesmo período de 2017 a participação desse país era de apenas 0,7%. O Ceará importou de Trinidad e Tobago unicamente *Gás natural liquefeito*.

Dos principais países dos quais o Ceará importou, Moçambique foi o que obteve maior crescimento em relação ao primeiro trimestre de 2018, a participação desse país foi de 5,9% no primeiro trimestre de 2018, porém, nesse mesmo período de 2017, não houve registro de importação. O valor importado de Moçambique foi somente de *Hulha betuminosa*.

Tabela 4.4: Principais Origens dos Produtos Importados pelo Ceará (US\$ FOB) – 1º T. 2017-2018

Principais países	1º T. 2017		1º T. 2018		Var. % 2018/2017
	US\$	Part. %	US\$	Part. %	
China	93.457.123	16,06	93.842.835	15,32	0,41
Colômbia	83.044.771	14,27	90.349.974	14,75	8,80
Estados Unidos	81.730.809	14,04	85.823.111	14,02	5,01
Trinidad e Tobago	4.038.619	0,69	70.335.368	11,49	1641,57
Argentina	50.625.483	8,70	45.848.675	7,49	-9,44
Moçambique	0	0,00	36.179.922	5,91	#DIV/0!
Nigéria	57.281.397	9,84	23.466.261	3,83	-59,03
Austrália	69.278.962	11,90	17.119.056	2,80	-75,29
Índia	13.155.652	2,26	15.563.702	2,54	18,30
Alemanha	20.445.621	3,51	15.540.372	2,54	-23,99
<i>Principais países</i>	473.058.437	81,29	494.069.276	80,68	4,44
<i>Demais países</i>	108.904.428	18,71	118.282.103	19,32	8,61
Total	581.962.865	100,00	612.351.379	100,00	5,22

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE

5 FINANÇAS PÚBLICAS

As contas públicas cearenses, no início de 2018, apresentaram uma significativa melhora, quanto às receitas, relativamente ao início do ano passado. Como pode ser visto na Tabela 5.1, as “Receitas Correntes” do Estado cresceram 3,3% no primeiro trimestre de 2018, quando compara-se a idêntico período do ano anterior. As duas principais fontes de recursos do Governo Estadual, “Receitas Tributárias” e “Transferências Correntes”, apresentaram, respectivamente, crescimento de 5,0% e 1,0%.

Tabela 5.1: Receitas do Governo Estadual no Primeiro Trimestre de 2017 e 2018 (R\$1.000,00 de 1º trim. 2018)

Descrição	1º Trimestre				
	2017		2018		Var (%)
	R\$	%	R\$	%	
Receitas correntes	5.542.880	93,4	5.727.716	92,5	3,3
Receita tributária	3.102.998	52,3	3.258.794	52,7	5,0
Transferências correntes	2.082.091	35,1	2.102.740	34,0	1,0
Outras receitas correntes	357.791	6,0	366.182	5,9	2,3
Receitas de capital	139.292	2,3	203.476	3,3	46,1
Operações de crédito	90.632	1,5	161.970	2,6	78,7
Outras receitas de capital	48.660	0,8	41.506	0,7	-14,7
Receitas intraorçamentárias	251.202	4,2	257.721	4,2	2,6
Total geral	5.933.374	100,0	6.188.913	100,0	4,3
Receita corrente líquida	4.552.980	76,7	4.628.108	74,8	1,7

Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do primeiro trimestre.

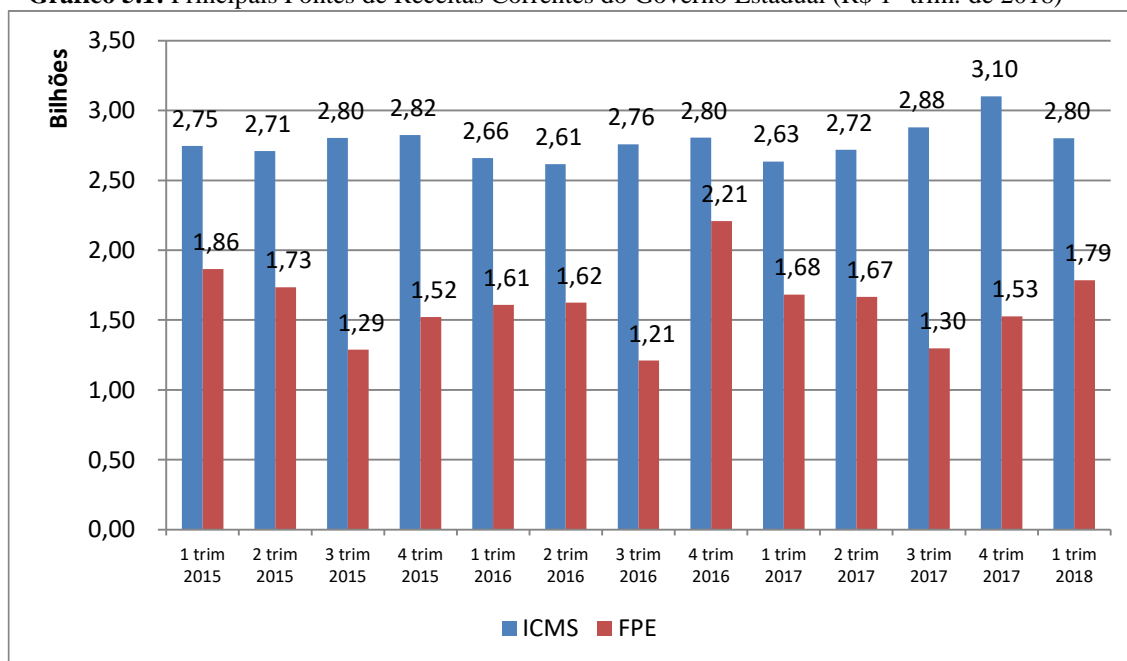
Nesse sentido, pode-se supor que a elevação da receita tributária cearense está relacionada à elevação da alíquota de ICMS, que ocorreu em abril de 2017, e ao desempenho da economia cearense no início desse ano. A identificação de qual fator mais contribuiu para essa elevação exige testes estatísticos mais robustos.

Quanto as “Receitas de Capital”, observa-se que elas subiram 46,1%, entre os dois períodos em análise. Esse comportamento deve-se a elevação de 78,7% nas “Operações de Crédito” do Estado, isto é, a contratação de empréstimos pelo Governo do Estado.

Um último ponto a ser destacado, quanto ao desempenho das receitas, é o crescimento de 1,7% das “Receitas Correntes Líquidas” entre o início de 2017 e 2018. É importante observar o comportamento desse indicador, pois se considera essa receita para o cálculo dos limites de gastos com pessoal estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal. Pode-se afirmar que a RCL é a mais importante restrição orçamentária de um governo.

Entre as principais receitas do Governo cearense estão às receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento dos repasses são apresentados no Gráfico 5.1. Como pode ser observado, as receitas de ICMS, no primeiro trimestre de 2018, caíram quase 10%, quando se compara com o período imediatamente anterior, porém apresenta crescimento de 6% comparativamente ao primeiro trimestre de 2017.

Gráfico 5.1: Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual (R\$ 1º trim. de 2018)



Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Com relação ao FPE, o primeiro trimestre de 2018 apresentou um crescimento de 6,1%, relativamente ao primeiro trimestre de 2017, entretanto ainda está em nível inferior ao verificado no primeiro trimestre de 2015.

Por sua vez, observando-se o comportamento das despesas do Governo Estadual é possível constatar, na Tabela 5.2, que as despesas correntes cresceram 2,7%, quando se compara o primeiro trimestre de 2018 com o de 2017. Esse aumento deve-se ao incremento dos “Gasto com Pessoal” de 6,1% no período em análise. Já as despesas com pagamento de “Juros e Encargos da Dívida” retraíram 11,1%.

Já as “Despesas de Capital” tiveram um acréscimo, entre os dois períodos em análise, de 9,5%, tendo havido um incremento de 4,3% nos “Investimentos” estaduais. Chama atenção o crescimento de 308% nas “Inversões Financeiras”, sendo esse desempenho consequência do aumento do Capital Social da empresa estatal Metrofor.

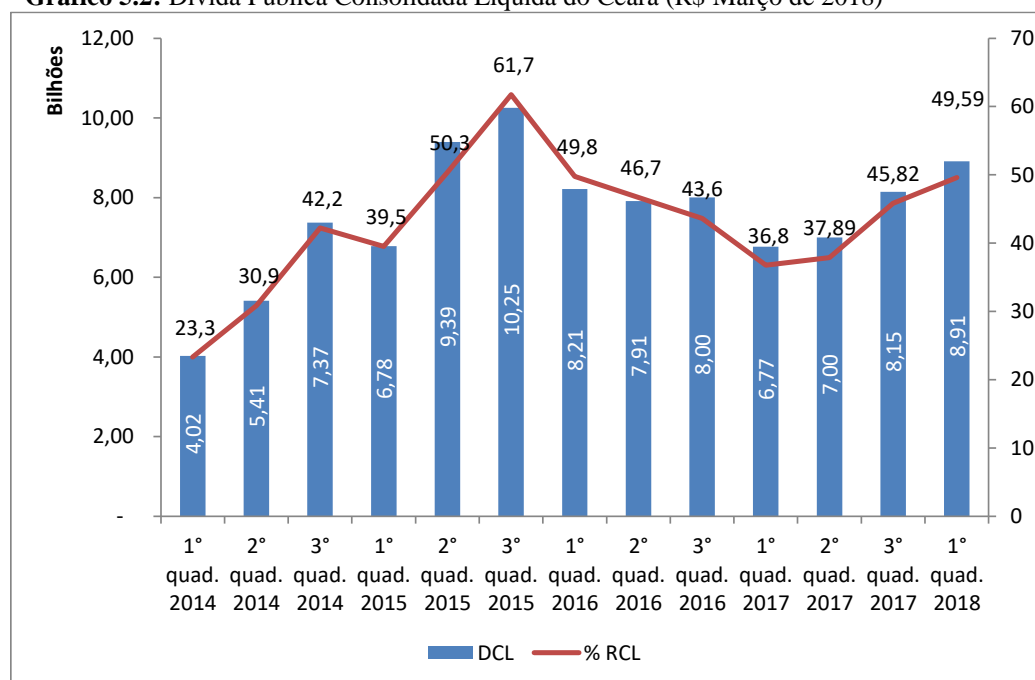
Tabela 5.2: Despesas do Governo Estadual no Primeiro Trimestre de 2017 e 2018 (R\$1.000,00 de 1º trim. 2018)

Descrição	1º Trimestre				Var (%)
	2017		2018		
	R\$	%	R\$	%	
Despesas correntes	4.640.143	90,1	4.763.293	89,5	2,7
Pessoal e encargos sociais	2.503.511	48,6	2.657.290	50,0	6,1
Juros e encargos da dívida	118.016	2,3	104.969	2,0	-11,1
Outras despesas correntes	2.018.615	39,2	2.001.034	37,6	-0,9
Despesas de capital	507.637	9,9	556.081	10,5	9,5
Investimentos	300.745	5,8	313.577	5,9	4,3
Amortizações	195.320	3,8	195.178	3,7	-0,1
Inversões financeiras	11.573	0,2	47.326	0,9	308,9
Reserva de contingência	-	-	-	-	-
Total geral	5.147.780	100,0	5.319.374	100,0	3,3

Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do primeiro trimestre.

Por fim, um último indicador analisado nesse documento é o comportamento da “Dívida Pública Consolidada Líquida” do Ceará, cujos dados são apresentados no Gráfico 5.2. Nesse gráfico é possível constatar que a dívida pública estadual apresentou tendência de crescimento do primeiro quadrimestre de 2014 ao terceiro quadrimestre de 2015, passando a apresentar uma tendência de queda até o 1º quadrimestre de 2017. Desde então, a tendência de elevação foi reestabelecida. Dessa forma, a dívida pública consolidada líquida representava 49,6% da Receita corrente líquida, no primeiro quadrimestre de 2018.

Gráfico 5.2: Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ Março de 2018)

Fonte: STN/SISTN. Elaboração: IPECE.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento da economia mundial para o ano de 2018 apresenta uma estimativa de 3,9%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de abril de 2018. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, com destaque para a economia americana, dado a atual política fiscal expansionista associada a um mercado de trabalho em pleno emprego.

Na economia nacional, o PIB apresentou crescimento no primeiro trimestre de 2018, em relação ao primeiro trimestre de 2017, de 1,2%, apresentando um desempenho superior ao primeiro trimestre de 2017 com relação ao mesmo período do ano de 2016, onde não se registrou crescimento (0,0%).

Com relação à economia cearense, no primeiro trimestre de 2018 com relação ao mesmo período de 2017, houve um crescimento de 1,55%. No acumulado dos últimos quatro trimestres registra-se um crescimento de 2,67%.

No setor agropecuário, estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE para a produção de grãos no estado apontam para um nível de produção em 2018 de 540,3 mil toneladas, um nível próximo ao obtido em 2017. A produção de frutas, por sua vez, ainda apresenta-se de forma tímida pois as culturas frutíferas dependem não só das chuvas do período, mas também da quantidade de água dos reservatórios de modo que garanta a produção ao longo do ano. Já a produção pecuária aponta um desempenho moderado para o ano de 2018, indicando uma estabilidade mesmo com o longo período de seca que afetou o setor nos últimos anos.

Para a indústria, o ano de 2018 se inicia mantendo os resultados positivos dos últimos períodos. Os números reforçam a percepção de uma retomada mais robusta e o início de um novo ciclo de expansão. Por outro lado, algumas incertezas continuam presentes e podem modificar a dinâmica de recuperação.

Como destacado no final de 2017, tem-se um movimento de retomada cíclica após um longo período de quedas na atividade, uma sequência de trimestres com resultados positivos e um desempenho mensal estável, um crescimento disseminado pela quase totalidade dos setores industriais e puxado tanto por segmentos tradicionais como por aqueles de menor participação na atividade. Tais características conferem estabilidade e consistência ao movimento de recuperação que o atual momento.

Entretanto, incertezas quanto à continuidade do ambiente que favoreceu a recuperação da indústria nacional, em particular a cearense, podem alterar essa trajetória de retomada. Para a sustentabilidade do processo cearense é preciso que o ambiente macroeconômico favorável seja preservado no futuro. Por outro lado, incertezas ligadas ao ambiente político podem

tornar o cenário nebuloso, comprometendo a recuperação das expectativas e trazendo incerteza ao ambiente econômico.

Nos dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revela que os serviços empresariais não-financeiros segue novamente com desempenho negativo ao registrar queda de 9,3% no primeiro trimestre do ano de 2018 comparado ao mesmo trimestre do ano anterior. Dentro deste cômputo, os Serviços Prestados às Famílias, tido como um dos principais segmentos, destaca-se como por ter apresentado duas quedas seguidas no primeiro trimestre dos anos de 2016 e 2017, mas um crescimento expressivo de 8,4% neste primeiro trimestre de 2018.

Serviços de Informação e Comunicação, Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares e Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio tiveram retração de 9,8%, 14,5% e 5,2%, respectivamente. Este primeiro segmento, mais intensivo em capital, revela que os investimentos ainda não apresentaram resposta diante da recuperação cíclica, assim como os Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares, que tem parte do segmento associado a setores compostos por empresas.

Conforme dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE, o varejo comum nacional acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 3,8% comparado ao primeiro trimestre de 2017. Nota-se que esse crescimento deu-se após três quedas consecutivas para o referido período: 2015 (-0,7%); 2016 (-7,0%) e 2017 (-2,7%), revelando que as vendas do varejo comum nacional esboçou um início de recuperação.

Por seu turno, o varejo comum cearense acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 3,5% comparado ao primeiro trimestre de 2017, levemente abaixo do registrado pelo país. Nota-se que esse crescimento deu-se também depois de três quedas consecutivas para o referido período: 2015 (-1,2%); 2016 (-6,1%) e 2017 (-6,9%), mostrando um comportamento de recuperação das vendas do varejo comum estadual.

Já em relação às vendas do varejo ampliado nacional, que inclui além das atividades que formam o varejo comum e também as vendas de Veículos e de Materiais de construção, o país acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 6,6% comparado ao primeiro trimestre de 2017. Nota-se que esse crescimento deu-se após três quedas consecutivas para o referido período: 2015 (-5,3%); 2016 (-9,4%) e 2017 (-2,2%), revelando que o varejo ampliado nacional apresentou nítida recuperação no período.

Enquanto isso, o varejo ampliado cearense também acumulou alta no primeiro trimestre de 2018 de 4,4% comparado ao primeiro trimestre de 2017, abaixo do registrado pelo país. Nota-se também que esse crescimento deu-se depois de três quedas consecutivas para o referido

período: 2015 (-2,4%); 2016 (-11,6%) e 2017 (-3,8%), revelando uma trajetória de recuperação também no varejo ampliado estadual.

No âmbito do mercado de trabalho, dados da PNADC Contínua revelam que após ter atingido a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil seguiram uma tendência declinante ao longo de 2017, principalmente no estado. No entanto, neste primeiro trimestre de 2018 o desemprego no Ceará, em razão de fatores sazonais, voltou a subir, atingindo 12,8%, representando, por sua vez, um recuo de 1,5 p.p. com relação à máxima atingida de 14,3% no primeiro trimestre de 2017.

É importante também observar que o desemprego ainda encontra-se em patamares elevados. Por outro lado, o influxo de pessoas de Fora da Força de Trabalho para dentro da Força de Trabalho tem pressionado a Taxa de Desocupação não permitindo, assim, uma queda mais intensa do desemprego no estado.

Com relação aos postos de trabalho celetista, dados da CAGED do Ministério do Trabalho revelam que o país inicia o primeiro trimestre do ano apresentando criação de 220.957 vagas, revelando sinais de recuperação da atividade econômica frente ao registrado com relação a igual período do ano passado.

No Ceará, é interessante observar como tem-se dado a trajetória dos postos de trabalho celetistas. Por três anos seguidos (2015, 2016 e 2017), semelhante ao país, o estado vinha apresentando saldos negativos de empregos no primeiro trimestre, cujo pior resultado foi observado em 2016. Em 2018, por outro lado, o estado reagiu ao período de crise passando a criar 2.713 vagas de trabalho com carteira assinada.

No comércio exterior, a pauta de exportação cearense, no primeiro trimestre de 2018, manteve-se liderada pelas vendas de produtos metalúrgicos, que representou 52,7% do total exportado pelo estado, totalizando o valor de US\$ 257,6 milhões. Calçados e suas partes ocuparam o segundo lugar, gerando uma receita de aproximadamente US\$ 71,6 milhões e uma participação de 14,6% do total da pauta de vendas. Destaca-se também o crescimento do valor exportado de frutas (709,6%), influenciado principalmente pelo aumento das exportações de melão.

No rol das importações, neste primeiro trimestre de 2018, quatro produtos se destacaram pela sua relevância: combustíveis minerais, produtos da indústria química, cereais e reatores nucleares, tendo juntos 71,7% das importações do estado.

Finalmente, no aspecto das finanças públicas estaduais, as “Receitas Correntes” cresceram 3,3% no primeiro trimestre de 2018, quando se compara a idêntico período do ano anterior. As duas principais fontes de recursos do Governo Estadual, “Receitas Tributárias” e

“Transferências Correntes”, apresentaram, respectivamente, crescimento de 5,0% e 1,0%. Quanto as “Receitas de Capital”, observa-se que elas subiram 46,1%, entre os dois períodos em análise. Esse comportamento deve-se a elevação de 78,7% nas “Operações de Crédito” do Estado, isto é, a contratação de empréstimos pelo Governo do Estado.

No tocante as despesas, as “despesas correntes” cresceram 2,7%, quando se compara o primeiro trimestre de 2018 com o de 2017. Esse aumento deve-se ao incremento dos “Gasto com Pessoal” de 6,1% no período em análise. Já as despesas com pagamento de “Juros e Encargos da Dívida” retraíram 11,1%. Já as “Despesas de Capital” tiveram um acréscimo, entre os dois períodos em análise, de 9,5%.